PUC RIO

THEREZA MARIA GALVÃO DA SILVA

A INTERSEÇÃO DA ORDEM PENITENCIÁRIA E A ORDEM FAMILIAR

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, janeiro de 1988.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
http://www.puc-rio.br

N.Chamada: 150 / S586m /TESE UC
Título: A interseção da ordem [illegible] tenciaria e a
0 0 [illegible] 8 4 5 1
EV. UCENTRAL 2115

THEREZA MARIA GALVÃO DA SILVA

A INTERSEÇÃO DA ORDEM PENITENCIÁRIA E A ORDEM FAMILIAR

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, janeiro de 1988

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
1132
BIBLIOTECA
01/04/91
DO RIO DE JANEIRO
48451
UC30991-1
150
S586im
TESE UC

"... Será que houve uma tirania que não parecesse natural aos que dominavam?

John Stuart Mill

Aos detentos da penitenciária

Milton Dias Moreira.

À Edson, com amor

AGRADECIMENTOS

- À Edson, meu companheiro, por seu afeto e dedicação em trilhar comigo os caminhos que me conduziram à realização desse trabalho.

- Ao grupo de internos e suas famílias que souberam compreender a importância do trabalho e se propuseram a participar ativamente.

- À todos aqueles, da penitenciária Milton Dias Moreira que direta ou indiretamente souberam contribuir.

- À Terezinha Féres Carneiro, pela contribuição de suas orientações e pela compreensão do momento.

- À Circe N. Vital Brasil, por sua contribuição valiosa.

- A minha família, por me possibilitar o aprendizado de sua dimensão.

- À Luiz Otávio e Eliza, por sua existência.

- À Ernesto, por seu carinho amigo.

- À Sócrates A. Nolasco, pela descoberta do amigo.

- Às meninas da Psicologia, Dudu, Lu, Val e Verinha por esses anos.

- À Graça pela paciência e disponibilidade em datilografar esse trabalho.

ÍNDICE

pág.

INTRODUÇÃO 01

I - A INSTITUIÇÃO CARCERÁRIA 03

1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO CONCEITO DE INSTITUIÇÃO 03

2 - A ORDEM CARCERÁRIA 18

II - A FAMÍLIA 43

2.1 - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA FAMÍLIA 43

2.2 - FAMÍLIA GRUPO SOCIAL 56

2.3 - A FAMÍLIA URBANA E REDES SOCIAIS 59

III - A INTERSEÇÃO DA ORDEM PENITENCIÁRIA E DA ORDEM FAMILIAR 65

3.1 - SÍNTESE DAS ENTREVISTAS 67

3.1.1 - ENTREVISTAS COM INTERNOS 67

3.1.2 - ENTREVISTAS COM ESPOSAS 89

3.1.3 - ENTREVISTAS COM FUNCIONÁRIOS 101

3.2 - A FAMÍLIA E O CÁRCERE 133

3.3 - A FAMÍLIA VISTA PELO CÁRCERE 152

CONCLUSÃO 163

BIBLIOGRAFIA 167

RÉSUMÉE

Ce travail focalise la représentation de la famille dans le cadre de la prison, à partir de l'analyse de la relation entre la famille et le pénitencier. On envisage d'étudier l'institution pénitenciaire et son intégration avec la famille des individuos incarcérés.

L'importance de l'affect représenté par les femmes et les enfants de détenus comme moyen de réduction de la tension carcérale et la manipulation que l'institution pénitenciaire en fait, est une des constatations importantes analysées dans ce travail.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendemos estudar a relação da ordem penitenciária e a ordem familiar, objetivando compreender a representação da família no cárcere.

O estudo dessa relação surgiu em decorrência do interesse em investigar o papel desempenhado pela família, tanto para o indivíduo encarcerado, como para a instituição penitenciária, bem como se a família pode contribuir no processo de reconstrução de vida em liberdade desses indivíduos.

O estudo da interseção da ordem carcerária e a ordem familiar foi realizado numa penitenciária de segurança máxima, com regime de parlatório. Esse regime se configura como um sistema em que permite às esposas pernoitarem na ala dos internos de 15 em 15 dias, feriados e frequentarem todos os domingos.

O benefício é concedido a critério da administração. Em princípio, o interno para usufruir desse benefício, deve estar enquadrado nos seguintes critérios: estar classificado em índice de aproveitamento igual ou superior a bom e comprovar a existência de vínculo matrimonial ou concubinato.

A concessão desse benefício, bem como sua manutenção, estão condicionadas à disciplina, podendo perdê-lo a qualquer momento em que infringir a ordem carcerária.

O material de análise foi obtido através de observação participante, da análise do regulamento penitenciário, re

gulamento do parlatório, entrevistas semi-estruturadas com internos, esposas e funcionários. Os internos selecionados gozavam do benefício do parlatório.

O trabalho foi composto de forma a possibilitar o entendimento da questão. No primeiro capítulo discorremos sobre o conceito de instituição. Do ponto de vista teórico foram utilizadas contribuições de autores tais como, Lapassade e Loureau. A instituição carcerária é analisada nesse capítulo com base teórica nas contribuições de Foucault.

O capítulo 2 enfoca o conceito de família e suas modificações estruturais ao longo da história até a configuração atual. Entre os autores consultados sobre o assunto, citamos Áries, Donzelot e Jurandir Freire.

No terceiro capítulo analisamos o material colhido através das entrevistas com os internos, esposas e funcionários. Buscamos, nesse capítulo, determinar a relação entre a ordem familiar e a ordem carcerária.

I - A INSTITUIÇÃO CARCERÁRIA

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO CONCEITO DE INSTITUIÇÃO

A conceituação sobre instituição modifica-se no decorrer dos tempos na medida em que assume formas e definições diversas ao longo da história, assim como sua estrutura está atrelada a distintas ideologias, sistemas sociais, políticos e filosóficos.

No século XIX as instituições se fundamentavam como sistemas jurídicos. Eram o direito, a lei. Depois o conceito assume importância fundamental na sociologia. No começo do século XX, Durkeim e sua escola definem a sociologia como a ciência das instituições. Para eles "as instituições são um conjunto instituído de atos ou de idéias que os indivíduos encontram à sua frente e que se impõe mais ou menos a eles." A instituição, para Durkeim, define todo o conjunto do que está instituído.

A concepção durkeiniana introduz a questão da instituição como regulador social. Nela a sociedade ocupa um lugar especial e a instituição (normas, leis...) é anterior aos grupos de indivíduos. "A sociedade ultrapassa o indivíduo... e as instituições são as reguladoras da sociedade, depósito de normas."

Marleau - Ponty critica a teoria de Durkeim pela sua objetividade e desprezo pela intersubjetividade. Destaca que a compreensão acerca das relações sociais só podem ser

dadas por analogia ou por contraste com as relações que vivemos através de uma variação imaginária.

Marleau-Ponty faz a passagem da concepção objetiva de instituição à concepção simbólica. "O número e riqueza das significações de que o homem dispõe excedem sempre o círculo dos objetos definidos que merecem o nome de significação, porque a função simbólica deve estar sempre adiante de seu objetivo e só encontra o real antecipando a ele no imaginário."

O conceito de instituição vai se alterando, através da história, e em determinada época o sistema de referência para sua caracterização vai ser o grupo. Com Park e Burgess a sociologia das instituições tem sua base nos grupos não mais na sociedade e no indivíduo. Este conceito passa a ficar atrelado à vida dos grupos. Em 1925, o grupo se instala no sistema de referência sociológica.

O desenvolvimento da psicologia social e coletiva acompanha esse processo em função de uma série de demandas da época. Surge um novo instrumento de análise que se configura como um estudo da vida dos grupos, na estrutura institucional. O informal passa a ser alvo de análise.

No âmbito da antropologia, Malinowski utiliza como sistema de referência a cultura para definir instituição. Alguns aspectos apontados por Malinowiski:

a - a função e estrutura da instituição é definida através da diferenciação entre necessidade primária (biológica) e necessidade derivada

(cultural); essa análise evidencia o substrato material da instituição;

b - o segundo elemento refere-se ao conteúdo ideológico, à lei orgânica; a ideologia dominante necessita manter o caráter universal da instituição. A função desta é ser instrumento de reforço e de difusão da ideologia dominante, bem como não deixar transparente as relações sociais reais;

c - o terceiro elemento diz respeito ao sistema de normas, regulamentos etc.

A análise funcionalista de Malionowiski não faz relação entre as leis orgânicas das instituições (com suas funções) e seu substrato material. Esta concepção não valoriza a dimensão simbólica das instituições. Para Levi-Strauss estamos em pleno simbolismo ao realizarmos estudos sociológicos. Ao criticar a análise funcionalista, Levi-Strauss introduz o nível estrutural infra-consciente e simbólico.

A análise estrutural se opõe à análise funcional por se fundamentar numa teoria de sistema que não é outra senão a estrutura com seus componentes elementares e secundários; na análise funcional as instituições têm como função a satisfação de necessidades.

As instituições, para Levi-Strauss (1967) são também reservas de dinâmica social, lugares de mudança e transgressão". Apresentam dupla natureza: a permissividade e o seu caráter repressivo. A função repressiva sempre antecedendo

à função permissiva, num dado momento histórico.

Lourau(1975) aponta críticas à concepção de Levi-Strauss. A primeira está ligada à não inclusão da noção de contexto referencial em sua (de Levi-Strauss) análise, onde só prioriza a noção de código. Em sua crítica, Loureau ressalta que a ação do indivíduo não se fundamenta somente sobre códigos e estruturas insconscientes, mas também sobre influências de referências históricas. Na concepção de Loureau é fundamental que esta análise seja feita dentro de um contexto onde códigos estão integrados a um referencial histórico.

A segunda crítica de Lourau refere-se à concepção de Levi-Strauss de que a relação entre o plano de análise sincrônica e diacrônica é a luta constante entre a história e o sistema. Para Loureau contextualizar os aspectos históricos não é voltar-se para a gênese temporal das instituições, mas analisar os acontecimentos históricos como produto do encontro entre diversos sistemas institucionais.

As concepções no campo da sociologia são apontadas como responsáveis pelo erro teórico de conceber a instituição somente dentro da noção de instituído, ou seja, do acomodado, da ordem estabelecida. Retira seu caráter de fundar, instituir, criar, romper com uma ordem e criar outra. Reduz o conceito de instituição às leis, às normas, aos costumes e tradições que permeiam a sociedade, ou seja, reduz ao estabelecido desconsiderando as forças instituintes; nega o aspecto dinâmico de uma rêde de forças que interagem no âmbito institucional que foge ao que é visível, isto é, "a dimensão oculta" não analisada e portanto determinante, que é chamada por Lapassade,(1974) de dimensão institucional.

> "As instituições são um conjunto instituído de ato ou idéias que os indivíduos encontram à sua frente e que se impõem mais ou menos a eles."
>
> (Lapassade, p. 193,1974)

A experiência imediata da vida social está diretamente relacionada à existência de grupos (família, equipes de trabalho, grupos sindicais, classes escolares etc.). No momento em que um grupo passa a pertencer a uma determinada organização (universidade, empresa, etc.), ele passa a perder seu poder de influenciar ou de agir diretamente nas decisões. E à medida que a sociedade organiza-se em diferentes sistemas de poder, representados pelo estado, os homens acabam, de fato, perdendo (ou diluindo) seu próprio poder decisório.

Essas organizações configuram-se, em geral, como um lugar enclausurado e recostado no espaço e no tempo social, submetido a normas imperativas que refletem as normas sociais da classe dominante. Além disso, instauram normas específicas, as quais se definem em função das características de uma clientela. Essas organizações possuem um espaço codificado em um sistema simbólico no qual reconhece-se, em geral, mecanismos de regulação.

Para Lapassade, existem dois níveis de compreensão institucional. Um deles nos é dado pelas experiências instituídas que se configuram através dos aspectos institucionalizados, ou seja, a lei, o código, a regra escrita, a constituição. É através dessas que a origem e o sentido do que se passa nos grupos aparecem num nível visível. O outro nível representa a face oculta institucional, não ana

lisada, mas determinante das relações que se entrelaçam, e que portanto nos fornecem o todo e institucional.

Assim, afirma Lapassade:

> "Eu propus então (em 1963) chamar de análilise institucional o método que visa revelar, nos grupos, esse nível oculto de sua vida e de seu funcionamento"
>
> (Lapassade, p. 13)

Segundo essa definição, a análise institucional ou socioanálise institucional, deve-se deter na possibilidade de revelar nos grupos, a dimensão institucional. Três níveis para se realizar tal análise são propostas pelo autor: o grupo, a organização e a instituição, representados neste trabalho, respectivamente, pelo grupo familiar, pela organização penitenciária e pelo Estado (a quem, a penitenciária está subordinada).

Esses três níveis relacionam-se com o sistema social da seguinte forma:

O nível do grupo - é o nível da base, da vida quotidiana. A instituição por sua vez, encontra-se presente através de normas, sistemas de controle. Cuja função é manter a ordem, a organização do aprendizado e a produção. É nesse nível em que situa-se a família:

> "A instituição da afetividade e da sexualidade, a organização exogâmica dos sexos, a primeira divisão do trabalho, a primeira

> forma de relação entre as idades, entre as gerações. O grupo familiar constitui o cimento mais firme da ordem social estabelecida ..."
>
> (Lapassade p. 15)

O nível da organização representa o nível dos aparelhos de ligações, da transmissão de ordens, da organização burocrática. É o nível da instituição em sua forma jurídica. É onde encontra-se a penitenciária.

O nível da instituição ou nível do Estado é a instituição em sua forma jurídica-política. É o nível onde as leis são configuradas e adquirem forças. É o nível do Estado que define tudo o que está instituído ou estabelecido.

A instituição, segundo o pensamento de Lapassade, abrange tanto as normas que estruturam os grupos sociais, quanto as formas pelas quais os indivíduos delas participam (as relações sociais reais). Além disso, as instituições são consideradas como atravessando todos os níveis dos conjuntos humanos, fazendo parte de sua estrutura simbólica, portanto, não atuando no exterior.

Há uma diferença nítida entre instituição e estabelecimento. O estabelecimento restringe-se a um todo concreto organizado e determinado para fins específicos, uma organização burocrática, hierárquica, com objetivos gerais determinados, enquanto a instituição se compõe pela integração entre forças instituintes e as forças instituídas. Nesse sentido, a análise institucional intervém sobre as relações obje

tivas e subjetivas (instituídas e instituintes)do contexto estudado.

A ordem instituída produz a "repressão social"do conhecimento acerca dos conflitos existentes em sua base, proibe o acesso à verdade sobre a situação do todo institucional. A ordem instituída faz com que a instituição cumpra sua função de mediadora do Estado. Segundo o pensamento de Lapassade, o Estado é quem cumpre a função de ocultação ideológica através de mediações institucionais que penetram por toda a sociedade.

Essa ocultação é produto da repressão ou melhor da censura à palavra social (que está no nível das forças instituintes). Podemos dizer que, dentro dessa concepção,o objetivo da análise institucional é trabalhar para que o jogo entre ordem instituída e ordem instituinte seja revelada. Para tal, intervém sobre o que é dito para atingir o que não é dito (ou seja o que está reprimido). E assim,possibilitando que as significações apareçam na superfície, liberta a palavra social, a expressão coletiva.

> "A análise institucional deve procurar explicar esse desconhecimento, não por uma simples ignorância das estruturas e do funcionamento social, mas por um mecanismo coletivo de repressão. Ela fará a hipótese de que o sentido do que está reprimido, e que nós não podemos dizer, ou sequer pensar o verdadeiro, porque uma repressão social proibe-nos permanentemente o acesso à verdade sobre a nossa situação e sobre o conjunto do sistema.

> A repressão constante da palavra social, aquilo que não se diz nos grupos, decorreria, portanto, em última análise, da repressão permanente do sentido de nossa sociedade. Essa repressão encontra a sua origem no domínio mantido pelas bases dirigentes e por seu instrumento de repressão, o Estado. O Estado cumpre essa função de encobrimento ideológico através das mediações institucionais que penetram em toda a sociedade..."
>
> (Lapassade p. 22-23)

Contudo, a palavra social pode ser liberta em momento de crise revolucionária, a partir da suspensão da repressão. São nesses períodos revolucionários que criam-se novas instituições. O social instituinte é que irrompe em meio do instituído; revelando o social que estava oculto, reprimido. Disso resulta uma nova instituição e então o social instituinte se afasta, se furta, para que essa nova instituição se instale.

> " As instituições tendem a tomar a forma do Estado ao mesmo tempo em que a revolução começa pela abolição do Estado;as instituições tendem a tornar-se autônomas, e assim, novamente dominantes,quer dizer, a serviço da nova classe dominante. O processo de instituir participa da construção da nova classe. As instituições tornam-se instituições dessa classe."
>
> (Lapassade, p. 21)

Dentro das concepções teóricas sobre instituição encontramos Fernando Ulloa e Bleger.

Fernando Ulloa(1906) aponta para a ambiguidade do conceito de instituição. Para ele:

> "... tanto pode designar regularidade de conduta, como uma organização social, com o alcance que habitualmente tem esse termo, ou seja, um organismo com uma geografia e uma ordenação do tempo e das responsabilidades, com objetivos por alcançar os meios adequados a tal fim, tudo regulado por um código de normas explícitas e implícitas. A designação mais adequada parece ser então a de organizações institucionais."
>
> (Fernando Ulloa p. 6)

Bleger(1976) conceitua o termo instituição como sendo: "Conjunto de normas, pautas e atividades agrupadas ao redor de valores e funções sociais."

Os autores acima definem instituição enfatizando que as relações interpessoais não se produzem entre desconhecidos, e que nem se encontram num deserto; desenvolvem-se em contextos sociológicos, tem instituições como moldura, e dependem, mesmo estreitamente, da cultura particular em que aparecem.

Enquanto isso para Lapassade e Laureau as constituições formam a trama social que une e atravessa os indivíduos, não se limitando às regras que se manifestam na superfície das relações sociais, mas pertence à sua estrutu

ra, uma face escondida a qual procura-se revelar.

Bleger e Ulloa detêm-se na análise psicológica no estudo das relações grupais. Valorizam as relações interpessoais e não contextualizam os determinantes econômicos, jurídicos, políticos e ideológicos que influenciam na vida dos grupos. Ou seja, desprezam os aspectos ideológicos que estão sendo perpetuados numa dada organização e que vão determinar o padrão de relação que será estabelecido.

Na verdade fundam seus trabalhos, sobre psicologia institucional, no estudo dos fatores psicológicos que se acham em jogo na instituição sustentam essa concepção no fato que na instituição participam seres humanos e também porque a mediação dos seres humanos é imprescindível para que a instituição exista.

> "Conseguir a melhor organização e condições que tentam promover saúde e bem estar, dos integrantes da instituição. O psicólogo institucional pode ser definido como um técnico da relação interpessoal. Se pode dizer também que é o técnico da explicitação do implícito."
>
> (Bleger, p. 61)

O psicólogo intervindo na instituição é investigador do implícito, ou seja, desvenda o oculto nas relações interpessoais. Enquanto Lapassade coloca que o objetivo da intervenção é desvendar o não dito e resgatar, libertar, a palavra social. Sua proposta visa então a produção da crise.

Bleger e Ulloa atuam em termos de análise da dimensão psicológica; já em Lapassade e Lourau há a tendência em

em atuar em termos da dimensão macro e micro política, o que significa super valorizar a dimensão sócio-política-econômica. Nesse sentido a intervenção institucional é feita a nível de grande grupo, enquanto Bleger e Ulloa atuam a nível de pequeno grupo.

Na visão marxista a estrutura da sociedade é composta de níveis articulados por uma determinação específica: a infra-estrutura ou base econômica (forças produtivas e relações de produção) e a super-estrutura que compreende dois níveis, o jurídico-político (o direito e o Estado) e o ideológico (ideologias, religião, moral, etc.). Nessa ótica é um erro colocar a instituição no nível da super-estrutura. O que se encontra na super-estrutura é o aspecto instituído da instituição, é a lei, é a norma e a regra escrita. Além do mais, as instituições são determinadas pela infra-estrutura econômica e as relações de produção são instituídas.

> "Instituição não é um nível ou uma manifestação da formação social, mas é um produto do encontro desses níveis ou dimensão. Esse produto de um encontro de dimensões é super-determinado pelo conjunto do sistema através da medição do estado."

(Lapassade, p. 19)

Na concepção marxista, as instituições fazem parte da super-estrutura no que se refere ao seu aspecto institucionalizado e são determinadas pela infra-estrutura. As instituições são as formas e o conteúdo que preenchem essas formas é a substância econômica. As relações de produção são ins

tituídas, as classes são instituídas, as formas de troca são instituídas. A infra-estrutura necessita da instituição para existir.

As instituições ocultam a natureza das relações de produção, encobrem o conflito central de nossa sociedade, a luta de classes. Ocultam as relações de exploração as quais são impostas ao homem e perpetuam o poder da classe dominante.

> "Protegem essa civilização, que asseguram a difusão de suas mensagens, que transmitem as ideologias dominantes, que asseguram a estabilidade e a manutenção da ordem. Através dessa ordem, há sempre as forças de repressão. As instituições dominantes, numa sociedade de desigualdade e de domínio, são sempre aliadas da repressão - são elas próprias repressivas."
>
> (Lapassade, p. 25)

A definição Engeliana sobre instituição ressalta:

> "As instituições sociais, em que vivem os homens de uma certa época histórica e de um certo país; são determinadas por duas espécies de produção: pela etapa de desentendimento em que se encontra, de um lado o trabalho e de outro a família."
>
> (Engels, 1982)

Segundo a concepção materialista, o fator determinante da instituição é a produção, tendo uma dupla natureza: a produção dos meios de existência, de objetos (o trabalho)

e a produção dos próprios homens (a família). Para Engels,as instituições são determinadas pelo trabalho e pela família.

Cardan citado por Laurau,critica a tese Marxista por este não contemplar o simbólico da instituição. Fundamenta sua crítica partindo da análise entre a união e a tensão, entre a sociedade instituinte e sociedade instituída.

Ressalta que o simbólico na instituição centra no aspecto de representar, em um setor particular da prática social, o sentido do sistema social inteiro. A instituição não se configura por estar no local que se manifesta, mas sim onde as relações de produção são instituídas de maneira, aparentemente necessárias, naturais.

Em sua análise, aponta para o momento da universalidade que se caracteriza por estar entre o momento da particularidade (social instituinte) e o momento da singularidade (social instituído) caracterizada como o momento da regulação social, o lugar onde se manifesta o imaginário institucional.

> "Para além da atividade consciente da institucionalização, as instituições encontram sua fonte no imaginário inconsciente. Este imaginário deve entrecruzar-se como o simbólico, do contrário a sociedade não teria podido reunir-se,e com o econômico-funcional, do contrário não poderia sobreviver.
>
> (Lourau, p. 89)

Cardan define instituição da seguinte forma:

> "A instituição é uma rede simbólica socialmente sancionada na qual se combinam em proporções e relações variáveis uma componente funcional e uma componente imaginária. A alienação é a autonomização e a dominância do momento imaginário na instituição..."

Enquanto rede simultaneamente real e simbólica, que se sanciona a si mesma, as relações de produção são instituídas. O banco, a empresa, a firma, são apenas as manifestações mais visíveis da instituição.

> "As relações sociais não são a expressão de um conteúdo que, em última análise, seria a econômica: quer apresentem quer não uma idumentária jurídica (...) São estabelecidas com as maneiras de agir universais, simbolizadas e sancionadas."

(Lourau, p. 89)

2 - A ORDEM CARCERÁRIA

"A prisão funciona para aviltrar e estigmatizar para sempre os que infligiram a lei."

(Gilberto Velho)

A prisão é peça básica no conjunto de maneiras de vigiar e punir àqueles que não se submeteram à ordem de uma sociedade desigual. Caracteriza-se por ter uma cultura peculiar, submetida a um regime de controle, regulações e normas. Entre as funções da prisão está a incumbência de garantir a ordem social no sentido de que a ela cabe a transformação do infrator num indivíduo apto a obedecer as leis. É a correção do indivíduo e a adaptação à ordem social transgredida. É enfim assegurar que essa ordem permaneça em seu status quo.

A prisão se configura no sentido de servir a classe dominante, perpetuando-a ao manter entre seus muros "os indivíduos cruéis, indesejados" enfim, aqueles que já foram banidos desde o nascimento a maioria da popul. carcerária no Brasil é composta por negros, mulatos e pobres) e, portanto, fabricados marginais.

A sociedade para manter seu status quo precisa reforçar cada vez mais a "rebeldia", a "crueldade", "o sadismo" do indivíduo encarcerado e assim manter, e principalmente, escamotear ou negar a crueldade da ordem social vigente.

INTERNO: - O conceito disso tudo e da situação da

cadeia não parte daqui.Se desse direito e a oportunidade de cada ser humano sustentar sua família e suprir suas necessidades ele não ia roubar a casa de ninguém, mas quem deveria pensar nisso rouba primeiro. E ainda, oprime os mais humildes e aí esses se rebelam brutalmente.

INTERNO: - Mas o problema é que para ter quem mora na Vieira Souto, tem que haver a gente aqui dessa forma. A coisa acontece por causa desse regime capitalista, a desigualdade social. É preciso manter a favela e a Vieira Souto. Por isso é que ninguém quer dar condições para gente.

A respeito destes depoimentos Foucault entende que a prisão acaba por atingir seu objetivo, no que se refere a produzir um ilegalismo separado e organizado por ela.

> "... A prisão, ao aparentemente fracassar, não erra seu objetivo, ao contrário, ela o atinge na medida em que suscita no meio das outras uma forma particular de ilegalidade, que ela permite separar, por em plena luz e organizar como um meio relativamente fechado mas penetrável..."
>
> (Foucault, p. 243,1977)

Esse ilegalismo produzido pela prisão, que na verdade é a delinqüência, reproduz simbolicamente todas as formas de ilegalismo.

INTERNO: - O lado marginal é reforçado pelo próprio sistema, pela própria administração. A máquina administrativa deturpa tudo que o interno possa ter de bom.

Para Foucault essa delinqüência produzida pela penalidade da detenção é um ilegalismo no qual o sistema carcerário investiu e organizou, reduzindo-o num espaço definido,com um papel delineado em relação a outros ilegalismos.

> "O atestado de que a prisão fracassa em reduzir os crimes deve talvez ser substituído pela hipótese de que a prisão conseguiu muito bem produzir a delinqüência,tipo especificado, forma política ou economicamente menos perigosa - talvez até utilizável - de ilegalismo..."

(Foucault, p. 244,1977)

INTERNO: - Eu penso que eles não têm interesse que acabem o preso, porque tudo isso é uma máquina, e é essa própria máquina que manipula isso aqui. Eles querem que isso aqui continue uma faculdade do crime. Se eles (autoridades) tivessem interesse começariam fazendo uma seleção, porque tem pessoas que vem para a cadeia que poderiam se recuperar e chegam aqui e acabam se alienando.

> "A prisão longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para

fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade."

(Foucault, p. 131, 1979)

Não há um sistema montado no sentido de diminuir a criminalidade. Em geral, a estrutura existente aumenta ou até multiplica excessivamente.

INTERNO: - O juiz não quer saber para onde o cara vai, com quem vai conviver, só quer saber de condenar. O que acarreta é que um cara comete um delito pequeno passa a conviver com assaltantes. etc. ... e de repente esse cara tinha condição de levar uma vida normal se fosse para um lugar onde estivessem todos os condenados por delitos pequenos. Só que querem é misturar mesmo.

É vetada a possibilidade de se reintegrar a uma vida não marginal ao sair da prisão. A reincidência é um fator preponderante no sistema carcerário. O próprio interno vive a descrença de poder voltar à vida livre, distante do mundo do crime. Percebe que a todo momento será rejeitado por uma sociedade que exige que ele se "recupere", mas não lhe oferece chance de reintegração ao sair da prisão. O mundo carcerário reproduz aquilo que a ideologia, que permeia a sociedade, quer perpetuar. Assim, o indivíduo encarcerado vive massacrado entre a contradição do discurso da "recuperação" e o desejo institucional de afundá-lo cada vez mais no crime,não

lhe restando outra alternativa a não ser o aprendizado das regras marginais.

O preso conhecedor dessa estrutura, sabe que está num caminho, muitas vezes, sem volta; há todo um sistema gerador de reincidências. O ex-apenado sofre adversidades de toda ordem:a discriminação da sociedade expressa na desconfiança (por exemplo, a dificuldade na obtenção de emprego), perseguição policial etc. Existe um nítido aparato que aponta no sentido da reafirmação de que este indivíduo continua sendo marginal.

O indivíduo infrator, desde o momento que ingressa na estrutura prisional, tem sua vida atrelada, cada vez mais, tanto ao crime, como à prisão; os dois andam juntos. Ao cumprir sua pena ("tirar cadeia", em seu linguajar) sabe que estará entrando num circuito em que o crime é o ponto central e a cadeia uma instância de realimentação. A volta ao "mundo livre" faz parte deste circuito; será marcada por novos crimes, bem como por novos processos e nova prisão. Consciente dessa situação não lhe resta outra escolha, a não ser tornar-se um "profissional do crime".

> INTERNO: - O cara,quando chega aqui, vive da ociosidade e de conversas marginais que tem aqui dentro.E passa a viver de uma utopia marginal que pensa que tudo é fácil, que marginal tem vida de nababo. Isso tudo é falido. Tudo é culpa da ociosidade, da falta de trabalho, de estudo e falta de possibilidade de reintegração social. O indivíduo, quando chega aqui,

cai num buraco e aí ele vive de imaginação para tampar este buraco, esse vazio. E aí, de tanto ouvir estórias, começa a contar coisas que às vezes não existiram porque passa a querer ser reconhecido como marginal. Porque se ele é um joão ninguém, porque cometeu pequenos delitos, ele não é reconhecido pela massa. E aí é discriminado. O ser humano quer sempre aparecer. Esse tipo de coisa que acontece,como conseqüência da vida que levamos aqui dentro, é que faz com que o cara, quando chega lá fora e sabe que vai voltar, delinque com mais revolta e mais intensidade, procurando realmente um destaque que leve ao sensacionalismo. 80% sabe que vai voltar. Nós só somos preparado aqui dentro para a integração marginal. Aí, o cara sabendo que vai voltar, vai procurar coisas que o torne famoso e quando estiver de novo aqui será respeitado.

Essa é mais uma característica forte que permeia a estrutura prisional. Enquadra o interno em suas leis tendo como fim a "recuperação do prisioneiro", de um lado, e a punição, de outro. É o recuperar pela punição. Mas sabemos que punição não conduz à correção e que essa delinqüência, fabricada no interior da prisão, tem raizes em todo um sistema que gera práticas ilegais, onde o encarceramento seria um dos instrumentos principais.

Essa grande máquina, a prisão, que se arroga o direito de usar a palavra "recuperar" tem, na realidade, como

foco central de atuação o aniquilamento da capacidade de os indivíduos se oporem à ordem estabelecida. Submete estes indivíduos a um sistema que deseja torná-los passivos mas, por outro lado, também coloca-os, cada vez mais, no mundo do crime.

> INTERNO: - Eles querem é que, nós presos, sejamos um zumbi, ou mortos vivos. Nossas vontades não são respeitadas, nossos direitos são negados, não só pela administração, mas pela própria sociedade que só marginaliza. Isso aqui é um órgão repressor,que só castiga, pune cada vez mais e não ressocializa ninguém; ele (o órgão) cumpre o que mandam ele fazer, por isso que tudo aqui é na base da chibata.

A complexidade dessa máquina não se esgota no espaço cercado de muros e grades, caracterizado pela segregação dos indivíduos, mas sua compreensão estende-se até sua inserção num continente mais amplo. A prisão não só possui uma cultura peculiar, como reproduz, em muitos níveis, as relações existentes na sociedade, mesmo que com suas características alteradas. A própria situação material que é imposta estimula e diferencia os internos de acordo com as condições econômicas, ou seja, aqueles que conseguem receber o mínimo para a sua sobrevivência (através da família ou através de outros meios) daqueles que se tornam mendigos institucionais. Reproduz a desigualdade tão presente em nossos dias.Desigualdade responsável por um número cada evz maior de infratores.

INTERNO: - Quando vim para a cadeia fui abandonado pela família. Tomava banho só com água. Depois fui fazendo amizades e pegava emprestado sabonete e tudo que precisava. Depois alguns companheiros dividiam comigo sabonete, pasta de dente. Sofri muito nos primeiros anos. Hoje eu me viro aqui dentro, pois antes vivia feito bicho.

Os cubículos (celas individuais, ou a moradia, como se referem) são demonstrativos dessas diferenças. O cubículo é onde o interno busca preservar um pouco de sua identidade e privacidade, arrumando-o de acordo com suas possibilidades (TV, rádio, colchão, enfeites etc.). Isto é negado aos "caidos"(preso abandonado) pois não só tiveram os seus laços familiares e sociais quebrados com o aprisionamento,como a instituição não lhes oferece condições materiais mais dignas.

INTERNO: - Eu tenho TV, liquidificador, colchão e cobertor porque minha família, aos poucos, foi trazendo. E fui reformando meu cubículo. Aonde eu moro é galeria que todos têm parlatório, todos têm família que estão sempre aqui. Agora, vai em certas galerias. O cara não tem nenhum colchão. Nós é que agora estamos arrumando para aqueles que não têm nada.

INTERNO: - Há quatro meses nós não recebíamos papel higiênico. Recebemos um rolo semana passada.

PUC-RIO

Esses indivíduos, que em sua maioria não lhes são dadas chances de sobrevivência social, ficam em condições piores ao ingressarem no sistema carcerário. o regime punitivo impõe privações das mais diversas ordens, desde o aniquilamento moral até a integridade física. Tudo é organizado de forma a levar ao interno a certeza de que realmente ele pertence à mais baixa camada social.

> INTERNO: - A família quebra o abandono em todos os sentidos. Ela ajuda o preso a suportar, tanto emocionalmente como materialmente. O preso sem ninguém, é um jogado, um morto, aqui.

Em instituições carcerárias a rede de poder, alí existente, se apresenta de formas múltiplas e aplica suas técnicas de dominação de acordo com as diferentes situações. Mas inerente a qualquer situação investe e penetra nos corpos aprisionados direcionando-os, vigiando-lhes as ações enfim, mantendo-os sob controle constante. Todo o cotidiano da prisão é entranhado pelos dispositivos de micro-poderes.

> "... Esse poder, por outro lado, não se aplica pura e simplesmente como uma obrigação ou uma proibição dos que "não tem," ele os investe, passa por eles e através dele, apoia-se nele, do mesmo modo que eles, sem sua luta contra esse poder, apoiam-se, por sua vez, nos pontos em que eles os alcança. O que significa que essas relações aprofundam-se dentro da sociedade que não se localizam nas rela

ções do Estado com os cidadãos."

(Foucault, p. 7)

Para Foucault há o Estado de governo que exerce seu alvo sobre a população utilizando-se do saber econômico e as instituições que, mesmo ligadas ao Estado, exercem o poder dentro de suas micro-regiões, com história e tecnologia próprias. Sendo assim, o poder não é sinônimo de Estado, mas coexiste uma articulação entre o poder do Estado e os poderes específicos, ou seja, entre os mecanismos de poder que funcionam fora, ao lado dos aparelhos de Estado.

O poder da instituição carcerária com suas exigências peculiares não está atrelado apenas ao poder judiciário; ela recebe do judiciário o indivíduo apenado e passa a ser o instrumento que agirá sobre este indivíduo que, por sua vez, já não é mais dono de si, de seu tempo, de seus atos, roubado de sua cidadania e cerceado com uma série de regulações.O poder da instituição carcerária é exercido por mecanismos acionados de modo adequados a modificar o comportamento do sujeito punindo,treinando-o a se tornar útil, dócil e obediente.

A punição ao infrator não se esgota na perda da liberdade, mas requer que incida sobre ele uma série de atos que o faça "reconhecer" o quanto seu comportamento desviante prejudicou o corpo social. Seu objetivo é atingir a realidade dos corpos em seus mínimos detalhes, movimentos, forças e relações, tornando-os dóceis e incapazes de se rebelarem.

> "Ela se constitui fora do aparelho judiciá - rio, quando se elaboram por todo o corpo social os processos para repartir os indivíduos, fixá-los, tirar deles o máximo de tempo e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento, mantê-los numa visibilidade sem lacunas, formar em torno deles um aparelho completo de observações, registro e notações, construir sobre eles um saber que se acumula e se centraliza. A forma geral de uma aparelhagem para torná-los indivíduos dóceis e úteis, através de um trabalho preciso sobre seu corpo, criou a instituição prisão, antes que a lei a definisse como a pena por excelência."
>
> (Foucault, p. 211, 1977)

A prisão, como ela se configura, traduz concreta - mente a idéia de que a infração não só lesou a vítima, mas a sociedade inteira. Sendo assim, privar o criminoso da liberdade não basta.

> INTERNO: - Prenderam nossos corpos mas não prenderam nossas mentes.

Trava-se, na instituição estudada, uma luta incessante da massa carcerária no sentido de não se tornarem "robôs institucionais." A própria organização adquirida entre eles, no decorrer dos tempos, funciona como um instrumento para manter e assegurar a mínima integridade. Ao lutarem por melhores condições de sobrevivência, estão lutando por um pouco de vida que a instituição quer matar.. Esta organiza

ção fez surgir um poder apoiado na estrutura marginal em virtude do massacre que é imposto aos apenados pelos mecanismos de poderes específicos que atuam no interior carcerário. Esse poder que emerge da massa carcerária passa a ocorrer juntamente com esses poderes específicos e fazer parte de toda uma rede institucional. A massa carcerária possui uma série de normas que estabelecem todo um conjunto de fatos que não podem ser transgredidos e estão atrelados a uma estrutura que obedece a um processo hierárquico, administrado pelas figuras que emergem da massa como lideranças. É importante frisar que tal estrutura vincula-se ao mundo do crime extra-muro.

> "A prisão torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinqüentes solidários entre sí, hierarquizado, prontos para todas as cumplicidades futuras."
>
> (Foucault, p. 235)

A própria instituição, ao cometer os "diversos crimes" sob a integridade do indivíduo, fez emergir essa nova força que deseja quebrar o circuito da instituição "morte", quer resgatar um pouco de vida nessa estrutura que os fazem viver no limiar da vida e da morte. Neste contexto, essa organização passa a ser responsável pela vida solicitando-a quando lutam para serem tratados como gente, quando exigem respeito aos seus familiares, quando reivindicam trabalho e educação ou mesmo quando, entre eles, vinculam seus passados marginais tendo como objetivo a busca do reconhecimento, da diferenciação e da auto-valorização. Por outro lado, con

traditoriamente, essa organização é também uma estrutura vinculada à morte em virtude das regras e normas rígidas que a permeiam, bem como pelo seu comprometimento com a estrutura marginal extra-muros.

Assim, como a instituição carcerária tem seus mecanismos de regulação impostos inflexivelmente sobre os apenados, estes passaram a ter um conjunto próprio de leis que, por sua vez, os regulam e se antepõem à instituição carcerária tentando frear os efeitos de seus mecanismos de regulação. os indivíduos insurgem-se a nível de corpos aprisionados que se opõem ao corpo da prisão. O alvo comum das reivindicações parece ser a materialidade da prisão como instrumento e veículo de poder. Contudo,esse poder que emerge da massa carcerária não é suficiente para impedir que sofram os "males" do encarceramento.

Os presos, apesar de organizados, estão confinados e o poder que detêm é só entre eles, mas não dentro do espaço institucional onde os verdadeiros detentores de poder são os indivíduos que pertencem à cúpula administrativa. Esta, por sua vez, delimita o poder da massa carcerária.

> "O poder se exerce mais do que se possui, não é "privilégio" adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas, efeito manifestado, e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados."
>
> (Foucault) .

A forma que a prisão utiliza para executar suas ta

refas centra-se na vigilância contínua e controle de todas as áreas da vida do interno. A prisão torna-se um dispositivo que, através da delimitação do espaço, apodera-se da movimentação permitida aos detentos, busca meios constantes de evitar qualquer possibilidade de rebeldia ("confere" dos internos durante a manhã e noite); inspeções regulares em pátios e nas celas quebram, sempre que podem, o mínimo de privacidade que os detentos possam ter; regulam idas e vindas, mesmo intra muro, e muitas vêzes, com alegação de não ter carros disponíveis, transgridem decisão judicial quando não levam ao Forum os detentos que estão sendo requisitados. É nítida a intenção institucional de "ser dona" absoluta dos indivíduos que estão sob sua guarda. Esse espaço de vigilância rígida tem que ser assegurado de modo a manter o cerceamento da autonomia do indivíduo.

> INTERNO: - Já fui chamado quatro vezes pelo Juiz. Estão julgando a minha condicional e nunca tem carro para me levar ao Forum.

> INTERNO: - Quando a família traz um presente, por exemplo um rádio, eles (os guardas) sentem o prazer em desmontar todo.

> INTERNO: - O guarda do portão sabe que sou "classificado" (o preso, de acordo com o seu comportamento, tem acesso a determinados locais da penitenciária sem autorização. Nota da autora), que posso vir até aqui. Mas se passar dez vêzes por ele,

vai me pedir o cartão até o dia que perco a cabeça, porque ficam em cima da gente de propósito.

Cada indivíduo sabe que está sendo vigiado e as sanções que pode sofrer em caso de infrações. Na verdade, a ação normalizadora e a vigilância constante são destinadas a homogeneizar e para tal impõe-se uma série de comportamentos padronizados através de um elenco de dispositivos disciplinares.

A vigilância é uma peça fundamental do poder disciplinar tornando-o integrado, organizado como poder múltiplo. Através da vigilância o poder disciplinar está em toda parte, controla tudo e todos. A vigilância opera como uma máquina sobre os corpos dos indivíduos, permitindo o exercício irrestrito do poder disciplinar.

Os internos são expostos à vigilância constante e sabem que estão sendo devassados em sua privacidade; seus comportamento têm que ser controlados de forma a nada escapar à vigilância.

> "A vigilância torna-se um operador econômico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo, uma peça interna no aparelho de produção, é uma engrenagem específica do poder disciplinar.
>
> (Foucault, p. 157)

A técnica da vigilância refere-se ao controle dos indivíduos e seu funcionamento está imbricado a uma rede de relações que se desenvolvem em diferentes níveis e diferentes

direções. Ela gera novos mecanismos de poder pois, não só é parte do mecanismo de produção, como é uma peça fundamental do poder disciplinar. Sendo assim, ela faz parte do aparelho que produz e distribui poder.

> "Graças às técnicas de vigilância, a física do poder e domínio sobre o corpo se efetuam segundo as leis da ótica e da mecânica, segundo um jogo de espaços, de linhas, de telas, de feixes, de graus e sem recursos, pelo menos em princípio, ao excesso, à força, à violência. Poder que é, em aparência, ainda menos corporal por ser mais sabiamente físico."
>
> (Foucault, p. 159)

A vigilância e a sanção normalizadora são instrumentos que o poder disciplinar utiliza para moldar os indivíduos, tornando-os seu objeto e um instrumento do exercício do poder. A disciplina traz consigo uma maneira específica de punir os desvios, as inadequações às regras, buscando diminuir o número de comportamentos desviantes. O alvo é a correção dos desvios.

A disciplina reveste-se de um discurso próprio. É portadora de um discurso do direito e da norma, define o código da normalização. A disciplina, não só é um tipo específico de poder, como também produz saber.

A vigilância e a sanção normalizadora buscam homogeneizar e instituir o poder da norma num espaço que não se caracteriza apenas como um lugar em que o interno cumpre a

pena. Caracteriza-se necessariamente num espaço vigiado todo o tempo (mantido sob olhar constante), além do conhecimento absoluto do comportamento e avaliação constante de evolução do desvio (em termos de melhora ou piora) do preso. Esta última característica gera um saber clínico que age sobre os apenados.

> INTERNO: - Aqui vem uma psicóloga e um psiquiatra de vez em quando. Vem fazer exame criminológico nos internos que estão requisitando algum benefício na justiça. Eles medem nosso grau de periculosidade.

> INTERNO: - Um companheiro nosso está pedindo condicional, está "tirando" cadeia há oito anos e já pode sair. A psicóloga perguntou porque ele nunca confessou o crime. Ele respondeu que não, porque não foi ele que cometeu o assassinato. Ela deixa claro que seria melhor ele, agora, assumir logo o crime, o que ele se negou alegando que já está há oito anos alí e sempre se disse inocente. Por que agora ele ia dizer que não era?

A periculosidade foi julgada alta na ótica do sistema porque se recusou a assumir o crime. O interno "não se redimiu, não se arrependeu de seus atos, continua a mentira para poder esconder e não assumir seu caráter perverso, não está curado" do desvio e é necessário que se mantenha ainda preso e submetido a toda uma disciplina que o faça se redi

mir. Esta é a lógica que perpassa todos os momentos do cárcere, não importa que a infração tenha havido ou não, alí tem que ser dócil e obediente, e assim tornar-se apto ao regresso ao mundo externo.

A prisão produz um saber que é o princípio regulador para o exercício da prática penitenciária. Esse saber é obtido pelo próprio detento, que através da pena recebida causará uma modificação nesse detento desviante.

A disciplina é um tipo de poder que utiliza uma série de instrumentos, de técnicas, de procedimentos , de níveis de aplicação, enfim, se configura como uma tecnologia específica do poder.

O interno passa a ser fabricado por uma tecnologia gerada pelo poder disciplinar que necessita diferenciar os indivíduos entre sí, em termos de atos e comportamentos, enfim, medir "a capacidade, o nível e a natureza dos indivíduos" fazendo, assim, funcionar a máquina prisão.

Dentro desse contexto há uma peça básica responsável pelo funcionamento dessa engrenagem: o agente penitenciário ou o guarda. os agentes penitenciários, em sua grande maioria, são recrutados nas camadas sociais baixas e, em geral, as mesmas do indivíduo encarcerado. Convivem na mesma área física do interno, cabendo-lhe a tarefa da vigilância constante.

Da vigilância à punição, o agente penitenciário se faz presente e a instituição necessita deste indivíduo para realizar objetivos. O guarda torna possível a propagação do

poder institucional. Executa seu papel, às vezes, de forma abusiva, o que pode ser analisado como uma maneira de se diferenciar da população carcerária, mas da mesma origem de classe.

> AGENTE: - Esses caras são frios, insensíveis, tem que penar. Não podemos dar nenhum refresco. Eu quero distância deles.

> AGENTE: - Preso é preso. Comigo é com muita distância e muito respeito. Preso para falar comigo é assim.

A relação agente-interno é marcada todo o tempo pela hostilidade. O relato acima é demonstrativo de que a distância entre esses dois grupos é mantida através de uma falsa diferenciação. A todo momento é descoberto um agente envolvido em corrupção dentro do cárcere.

> INTERNO: - A corrupção dos guardas é tão grande que ele tem medo de ser mal interpretado e passa a ser considerado "avião" (guarda responsável pela introdução de tóxicos, armas, etc. no interior do cárcere). Eles não têm respeito nem entre eles e sim medo um do outro. A corrupção aqui é tão grande e acontece muito debaixo dos panos. Apesar deles serem coniventes um com o outro, eles sempre têm medo de um outro guarda se aproveitar disso para ele ser promovido. O guarda tem um lado marginal muito forte. Apesar disso, fazem questão de serem maus com a gente.

A maioria dos agentes penitenciários realizam suas tarefas de forma muito cruel, não enxergando o "outro humano" que está atrás do indivíduo infrator. Vigiam esses indivíduos como "animais" e o desejo presente a cada instante é ter algum motivo para a punição.

INTERNO : - Eles (os guardas) tratam o interno de forma discriminatória. Eles não têm nenhuma compreensão porque o interno está aqui. Eles abusam da autoridade, tudo é feito de forma repressiva, de castigo e sempre pregando que marginal é marginal.Eles tratam todo mundo achando que não tem jeito e que tem que tratar como vagabundo. O guarda não tem formação nenhuma, mal tem acesso ao curso primário,não tem preparação.

INTERNO : - Desde o momento que o guarda não tem formação nenhuma, ele procura destaque entre o próprio grupo. Porque só assim ele sobe (a inspetor chefe de vigilância, segurança). Porque aqui quem é bonzinho não consegue nada.

INTERNO : - O guarda tem o preso como elemento nocivo a ele. É assim como uma pessoa que não gosta de barata e fala: que bicho asqueroso, nojento! É exatamente assim que o guarda vê o preso. Aqui é uma realidade brutal.

Essa relação flui de forma que aquele guarda que tenta manter um relacionamento com os internos menos hostil, passa a ser visto de maneira desrespeitosa por seus colegas. São chamados de "babá de preso" ou mesmo de "avião".

A maioria dos agentes não admitem que um interno dirija-se a eles sem antes chamá-los de "senhor" ou "senhor funcionário". Por sua vez, o interno interpreta a atitude do guarda como provocação e uma forma de estimular uma briga e a conseqüente punição. Além disso, há uma desconfiança mútua na relação guarda-interno: se o guarda teme ser considerado corrupto quando conversa com um preso, de outro lado,este teme ser suspeito como alcaguete pela massa carcerária. Ambos os lados consideram-se inimigos no sentido marginal é marginal, polícia é polícia.

O trabalho dos guardas, centrado na vigilância, abrindo e fechando celas, vigiando muros, corredores e pátios, enfim, fazendo revistas em internos e celas não lhes conferem nenhuma valorização profissional. São, na verdade, os carcereiros do sistema penitenciário. A grande maioria incorpora a imagem dos sádicos, dos cruéis, ao se utilizarem de mecanismos que buscam oprimir os internos, provocando situações de modo a exercerem uma "autoridade arbitrária". Assim procuram o reconhecimento em sua categoria e reforçam, cada vez mais, a imagem de insensíveis perante a massa carcerária e seus familiares.

O guarda procura, através de certas atitudes, levar o interno a ter reações que o caracteriza como infrator

e assim, puní-lo. Contudo, a punição é relativa. Há um procedimento disciplinar que atravessa a hierarquia institucional até a concretização da punição. Ao agente cabe trancar o preso em sua cela ou na ala de castigo; qualquer mudança de índice de comportamento e a duração de confinamento na cela é decidido pela CTC (Comissão Técnica de Classificação), que se configura como um tribunal interno. Mas em virtude desse procedimento não se efetuar de forma rápida, o agente tem, em parte, seu objetivo atingido: manter o preso trancado por vários dias à espera da reunião da CTC.

O procedimento disciplinar, previsto no regulamento do sistema, é quebrado em função, não só da demora da CTC, como também devido à própria estrutura que cerca o cárcere, responsável por transgredir os regulamentos gerais e criar seus próprios, de acordo com a prisão.

No ato da infração, segundo o regulamento do Departamento do Sistema Penitenciário, o procedimento segue as seguintes etapas:

Art. 4 - Cometida a infração, deverá o indiciado ser conduzido à presença do chefe de turma que determinará a lavradura da ocorrência.

Art. 5 - O chefe da turma em serviço poderá, tendo em conta a intensidade da falta grave ou média, determinar o isolamento preventivo do indivíduo, que não poderá ultrapas

de dez dias.

Art. 6 - Será dado conhecimento da infração ao chefe de segurança no primeiro dia útil que se segue.

Art. 8 - O Chefe de Segurança comunicará, no mesmo dia, a ocorrência ao Diretor do estabelecimento a fim de que este mantenha ou revogue as medidas inicialmente tomadas.

Art. 9 - Cabe ao Diretor do estabelecimento encaminhar à CTC, no prazo máximo de um dia útil, a comunicação de que trata o artigo anterior.

Nesse contexto, o guarda pode ter sua punição mantida pela CTC, principalmente no que tange ao rebaixamento de índice de comportamento. Mas pode ver também a punição por ele imputada suspensa. Mas em virtude da demora da CTC em reuni - se muitas vezes ele (guarda) consegue em parte seu objetivo. Como por exemplo deixando o interno trancado por vários dias.

INTERNO : - O polícia cismou que uma faca que ele achou era minha. Só que não era, ele estava armando para me provocar.
Eu resolvi discutir com ele, aí veio outro e também me acusou. Fui colocado no castigo em pleno fevereiro, durante 16 dias. Fiquei cheio de bolhas no corpo. A CTC se reuniu só 16 dias depois de fa

to. A minha sorte é que não rebaixaram meu índice de comportamento e por isso não perdi meu parlatório. Não me condenaram porque faltaram provas, mas 16 dias fiquei lá em cima.

Tendo como objetivo diminuir o número de "comportamentos desviantes" através do controle de todo espaço carcerário.

> "Na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal. É beneficiado por uma espécie de privilégio de justiça, com suas leis próprias, seus delitos específicos; suas formas particulares de sanção, suas instâncias de julgamento. As disciplinas estabelecem uma infra-penalidade"; quadriculam num espaço deixado vazio pelas leis; qualificam e reprimem um conjunto de comportamentos que escapava aos grandes sistemas de castigo, por sua relativa indiferença."
>
> (Foucault, p. 159)

As punições aos infratores variam não só em função do que é considerado "grave", mas também em função do tipo de interno que pratica a infração. O guarda que necessita ser poderoso, usa dessa elasticidade, para agir de forma arbitrária. Estabelecendo assim um poder paralelo dentro do cárcere, o qual tem a conivência da própria administração.

> GUARDA: - Aqui está uma bagunça. Sem disciplina, mas vai melhorar. É só reabrirem as celas castigos que colocamos uma meia dúzia lá em cima que a dis

ciplina volta.

Os guardas querem ser parte integrante da estrutura administrando de acordo com seus padrões. E não percebem que eles assim como interno estão submetidos a uma hierarquia rígida, a uma situação opressora e que funcionam apenas como instrumento da instituição um veículo que executa e que serve à cúpula dirigente.

Assim sendo, o contexto carcerário se configurará como um espaço que é marcado pela necessidade de manter o estígma do encarcerado.

É necessário que esses homens permaneçam "maus perversos", para que possam continuar com as punições excessivas, o aniquilamento moral.

II - A FAMÍLIA

2.1 - Contextualização Histórica da Família

A análise da estrutura familiar remete-nos à compreensão do processo histórico no qual está inserido a transformação dos sentimentos, dos costumes e da organização familiar. Estudos antropológicos e históricos apontam para a diversidade de organizações familiares ao longo dos tempos e correlacionam as diferentes estruturas familiares aos diversos períodos históricos e formações sociais. Nesses estudos o papel da criança é destacado e são enfatizados as mudanças que ocorreram no que se refere ao seu lugar no núcleo familiar e ao poder que era exercido sobre ela.

Áries (1978) estudou a evolução da família da época medieval à idade moderna. Ao descrever o perfil da configuração familiar na sociedade medieval, mostra que os laços familiares eram frouxos e inexistiam a convivência e a intimidade em família, tal como concebemos hoje. A família se constituia por laços consanguíneos ou não e, inserida em redes de solidariedade os indivíduos viviam em estreita proximidade uns com outros; os laços de dependência eram tão fortes que a sobrevivência não era possível a nível de unidade familiar. A família não se separava como um grupo privado.

A estrutura emocional desses lares existia de forma bastante distinta da família atual. Não era dada importância especial à infância; sentimentos, emoções voltados para

a criança não se concentravam exclusivamente na família. A criança era mais um personagem na cena social da idade média. Aos 7-8 anos era admitida na sociedade adulta e, separada de sua família, ingressava em casas alheias, onde iniciava o aprendizado de um ofício.

Os cuidados com as crianças não se concentravam exclusivamente nos pais, mas se dispersaram em torno de uma grande variedade de figuras adultas, parentes ou não. A afetividade entre pais e filhos não fluia de maneira especial: a sociabilidade extrema e a convivência constante com uma vasta gama de pessoas acabavam por ocupar o lugar do afeto. O meio social era o lugar onde ocorriam as trocas afetivas. A criança estava inserida num mundo público e complexo em que as identificações não se restringiam aos pais, mas se estendiam também por toda a rede na qual a família estava inserida.

A família européia dessa época tinha como característica básica a conservação dos bens, prática de um ofício, ajuda mútua e proteção da honra e da vida. Essas famílias voltavam-se para o público, para fora; a privacidade inexistia. A casa contava sempre com a persença de serviçais, amigos, bem como pessoas que iam tratar de regócios.

> "A família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental. No caso de famílias muito pobres, ela não correspondia a nada além da instalação material do casal no seio de um meio mais amplo, a aldeia, a fazenda, o pátio ou a "casa" dos amos e dos senhores, onde esses pobres passavam mais

> tempo do que na sua própria casa (às vezes nem ao menos tinham uma casa, eram vagabundos sem eira nem beira, verdadeiros mendigos). Nos meios mais ricos, a família se confundia com a propriedade do patrimônio, a honra do nome."
>
> (Áries, p. 231)

Esse quadro começa a se modificar a partir do século XV. Áries analisa o processo que ocorre entre os séculos XV e XVIII como proveniente do surgimento de um rigor moral, influenciado por inúmeras obras de moralistas e religiosos que reprovam a forma como era cuidada a criança. Focalizavam a importância da inocência da criança;recomendavam uma série de restrições tais como: limitar o contato com pessoas do povo, serviçais, jogos perniciosos e enfatizavam a importância com a educação moral e intelectual.

Emerge nesse contexto a preocupação dos pais em vigiar e ficar mais perto dos filhos; surge um novo lugar do filho na família, o qual passa a ser objeto de um novo amor. A família concentra-se em torno da criança. Uma nova consciência surge a partir do reconhecimento da particularidade infantil, a que Áries denomina sentimento da infância:

> "... As crianças são plantas jovens que é preciso cultivar e regar com freqüência: alguns conselhos dados na hora certa, algumas demonstrações de ternura e amizade de tempos em tempos, as comovem e as conquistam. Algumas carícias, alguns presentinhos, algumas palavras de confiança e

> cordialidade impressionam seu espírito, e poucas são as que resistem a esses meios doces de transformá-los em pessoas honradas e probas.
>
> (Áries p. 163)

A criança passa a ser um elemento integrador fundamental na estrutura familiar, passando assim a haver aproximação entre criança e família. Surge a integração do sentimento familiar ao sentimento da infância.

Essas modificações, que geram a incorporação da criança à família, produziram uma nítida preocupação dos pais pelos filhos, especialmente no que se refere à educação. Começou a ser introduzida a educação formal e a escola ocupou um espaço destacado em substituição à forma de aprendizado anterior. Esse novo espaço/escola produz a nova concepção da criança e, conseqüentemente, o novo sentimento de família.

As conseqüências dessas modificações foram a limitação da convivência social da criança, o prolongamento da infância e a preocupação com o futuro da criança.

O sentimento da infância não ecoou imediatamente em todas as camadas sociais, tendo surgido na burguesia e gradativamente se estendido a outras camadas. Nas populações mais pobres, no entanto,a estrutura familiar medieval, permaneceu inalterada por algum tempo.

Nos Século XVIII e XIX uma nova ação surge em contrapartida à dos moralistas e religiosos: a dos higienistas, que incorporaram à preocupação com a educação formal, o cui

dado com a preservação da vida, da saúde das crianças, o que acarretou uma vigilância maior sobre as famílias. Passa a ser dada ênfase ao desenvolvimento físico e moral. Com isto, o papel da mãe passa a ser destacado e uma grande mudança ocorre na organização familiar.

> "No século XVIII, a família começou a manter a sociedade à distância, a confiná-la a um espaço limitado, aquém de uma zona cada vez mais extensa da vida particular. A preocupação com a casa passou a corresponder a essa nova preocupação de defesa contra o mundo."

(Áries, p. 265)

As modificações econômico-políticas da idade moderna, com o início do capitalismo e a estruturação do Estado como poder centralizador, obrigam a família a adquirir uma nova forma de organização. Com essas transformações, o trabalho tem um lugar separado, os indivíduos saem de seu antigo domínio, dirigindo-se para um ambiente diferente submetido a uma nova disciplina e a uma nova hierarquia. O trabalho pertencia a um novo mundo, submetido a uma nova vigilância, a uma nova ordem. A família tornou-se, segundo Áries, "um refúgio que escapa a esse controle." Ela (família). Se destaca da coletividade e sua tendência é opor-se a seu mundo externo e curvar-se sobre si mesma. Tornou-se, portanto, um domínio privado o único lugar em que se escapa do olhar inquiridor da sociedade industrial.

A revolução industrial, trouxe em seu bojo a ques

tão do afeto que garantia um novo espaço no interior da família; é a"revolução da afetividade". E é devido a essa entrada do "afeto,que a família pode ser o refúgio descrito por Áries. Refúgio contra essa nova disciplina a que os indivíduos se viram submetidos. A separação família-trabalho correspondeu a uma partilha entre o setor privado e o público, respectivamente.

Para Foucault essa separação era uma estratégia do Estado de vigiar, punir. Uma forma de controlar e ordenar.

A burguesia, enquanto classe que emergiu introduziu esso novo padrão de organização. Buscando o espaço fechado, diferenciado a família mergulhou sobre si mesma. Um novo código é dado à ordem familiar, direcionando-a para uma autonomia, mas ao mesmo tempo deixando-a permeável à ordem pública, à tutela do Estado. É a liberalização das relações intra-familiares.

Enfatizando a autonomia, a responsabilidade dos pais por educar e formar seus filhos por um lado e de outro, através da ação de normas de proteção a vida da criança, o Estado intervinha. A intervenção estatal objetivava diminuir a autoridade paterna, e ter a família sobre tutela.

> "ou seja passagem de um governo das famílias para um governo através da família. A família não serve mais para identificar um interlocutor de plenos direitos dos poderes estabelecidos, poderes da mesma natureza que ela. Transforma-se em relê, em suporte obrigatório ou invo-

> luntário dos imperativos sociais, segundo um processo que vão consistir em abolir o registro familiar. Mas sem exacerbar seu caráter, em tirar o máximo de suas vantagens e inconvenientes aos olhos de seu próprios membros, a fim de unir, em dois tipos de ligações, uma positiva e a outra negativa, as exigências normativas e o comportamento econômico-morais."
>
> (Donzelot, p. 86-87. 1980)

A negativa se caracterizava pela intervenção estatal, que justifica sua tarefa em virtude da carência financeira e conseqüentemente da dependência econômica para suprir as deficiências educativas e sanitárias e a incapacidade dessas famílias proverem os cuidados necessários a seus filhos, de acordo com as normas. Por outro lado, a ligação positiva proporcionava à família autonomia e o direito de conservá-la, desde que para tal, não necessitasse recorrer ao Estado.

Na burguesia era dada ênfase à reorganização da família, de forma a conduzí-la à conservação e educação da criança. Por outro lado, poder estatal atuava com maior rigor sobre a população de camadas populares; através de serviços de assistência social e higiene pública, visando a moralização e a higiene coletiva.

> "O Estado moderno, voltado para o desenvolvimento industrial tinha necessidade de um controle demográfico e político da população adequada aquela finalidade. Esse controle exercido junto às famílias, bus

> cava disciplinar a prática anárquica da concepção e dos cuidados físicos dos filhos, além de, no caso dos pobres prevenir as perigosas conseqüências políticas da miséria e pauperismo. Criam-se assim dois tipos de intervenção normativa que, defendendo, a saúde física e moral da família, executaram a política do Estado em nome dos direitos do homem."
>
> (Costa, p. 51, 1979)

A forma como anteriormente eram desempenhados os cuidados e a preocupação com os filhos desencadeou no Estado moderno a necessidade de ações normativas que justificassem e favorecessem o controle do Estado sobre os indivíduos. O processo de modernização objetivava atuar na organização familiar modificando os comportamentos educativo e higiênico. Essa ação resultou numa redefinição de papeis familiares. A mulher passou a ser esposa e mãe; o homem de proprietário dos bens e da família a pai e a criança a filho. E um novo tipo de amor entre os casais surgiu.

A família concentrada em si mesma, preocupada com a educação da criança, incorpora o discurso médico e passou a tornar-se consumidora árdua de tudo que poderia ajudá-la a"realizar-se"(Donzelot,p.201).Assim tornou-se um espaço propenso à propagação da ação de especialistas de toda ordem, enfim à ação de agentes normalizadores.

Estudaremos a seguir a família no Brasil, da colônia até os dias atuais, procurando traçar um paralelo entre os diversos momentos históricos e as transformações resultantes na organização familiar.

No período colonial, as relações familiares eram bastante complexas, constituindo-se na realidade numa rede de relações entre diversos membros, consanguíneos ou não, legítimos ou ilegítimos. A ordem familiar dessa época tem como base a família latifundiária, responsável pela implantação desse tipo de oraganização familiar. A família se constituia como grupamento de pessoas que girava em torno do poder do senhor. O pai, o marido, mantinha a defesa da propriedade e da família. A estruturação familiar se fundamentava ao redor dos anseios do senhor, as aspirações dos membros que compunham a família eram as do senhor; não sendo encontrado uma diferenciação entre eles.

A organização emocional era marcada pela forte vinculação e dependência entre seus membros: tudo ocorria de forma a manter a coesão. A família funcionando em torno do clã, tinha como traço marcante o isolamento social.

> "... A família não formava cidadãos, e sim parentes. A participação destes indivíduos na sociedade, resumia-se à defesa do grupo a que pertenciam."
>
> (Costa, p. 47)

A casa grande e a senzala formavam um todo do qual girava a vida econômica, política e social. O pai centralizava tudo em suas mãos; caracterizando-se como dono dos filhos, da mulher, dos escravos e das terras. O poder senhorial estendia-se além dos limites da propriedade. "Quanto mais coisas, mais forte era a família" (Costa). Assim foi o modelo para outras camadas sociais, de forma

que nesse período, a família era senhorial, independente de ter terras ou propriedade.

Essa configuração familiar voltada para o clã, para a preservação de seus membros, sem diferenciação emocional, excluia a privacidade e a intimidade entre pais e filhos. A família não dispunha de maior aproximação interna, na medida em que, se dispersava nas numerosas relações dentro da casa grande, entre elas as relações com os escravos, os quais eram incumbidos de realizar funções íntimas de relevância emocional, como as amas de leite, responsáveis pela amamentação do recém-nascido.

A convivência íntima entre as pessoas que coabitavam, revelava por baixo certos hábitos da elite dominante, o que favorecia os senhores.

> "Ela ocultava em parte a exploração econômica e os preconceitos de casta e raça que os separavam da massa de agregados ou subordinados. A pobreza da casa e a rudez dos costumes aproximavam na aparência os que na existência social estavam inapelavelmente distanciados."

(Costa, p. 92)

O desconforto material, a quantidade de pessoas estranhas á família, o tamanho e a arquitetura da casa grande, favoreciam a pulverização dos laços mais íntimos de afinidade. Mulheres e filhos escutavam de tempos em tempos o "senhor", para somente obedecer, não se efetuando contatos mais permanentes entre eles. A palavra suprema pertencia ao senhor que, por ser a figura da lei, determinava toda a conduta da

família.

A mulher nesse universo se situava como dependente, submissa e temerária da figura do pai ou marido. Casava-se muito nova, por volta de 14 anos, tornando-se matrona ainda muito jovem. Era em geral caseira e, embora suas vestimentas fossem ricas nas festas, em casa eram descuidadas. Sua função básica era a procriação e a gravidez era entendida como parte dos acontecimentos naturais e biológicos, ou seja, próprio da condição feminina. A amamentação, contudo, geralmente ficava a cargo das escravas.

> "A mulher tímida reticente nas relações com o estranho, com o extra-familiar resumia em sua conduta as determinações sociais que a aprisionavam em casa. O casamento de "razão" ou interesse, a inexistência de sentimento de amor entre os cônjuges, a inferioridade de "raça" ou "espécie" que lhe foi tributada, a dependência econômica para com o homem (pai, irmãos, tio, tutor). A rígida obrigação do trabalho social compunham a moldura do confinamento."

(Costa, p. 102)

A mulher não só tinha a função da procriação, mas sobretudo zelava pela manutenção da ordem e do patrimônio doméstico, sendo responsável pela produção econômica, ao cuidar da economia doméstica.

> "mão de obra gratuita, a mulher permitiu por muito tempo a auto-suficiência das residências, fenômeno necessário ao despotismo senhorial.

(Costa, p. 102)

Era reservado à mulher colonial um local que lhe conferia um status inferior. Submissa, dependendo tanto afetiva como moralmente do marido, ainda estavam sujeitas à inferioridade jurídico-econômica, pois era considerada"menor" perpétuo perante à lei. Portanto não tinham poder decisório e ficava submetida ao jugo do marido.

A submissão da cidade a família era expressa também pela mulher, que quando necessário,saia de seu enclausuramento doméstico e exercia os papéis de médico, enfermeiro, professor.

A mulher filha, o patriarca a prendia para prevenir-se de envolvimento afetivo com homens sem fortuna. Em suma, o excesso com a moral feminina expressava um sistema econômico-social muito opressivo; onde a mulher nada fazia para evitar perpetuar e reproduzir esse sistema.

> "O isolamento feminino traduzia o papel instrumental que as mulheres desempenhavam na reprodução do regime econômico."
>
> (Costa, p. 104)

Com a vinda da corte, a cidade passa a conviver com uma série de situações sociais desconhecidas até então, que se infiltraram no espaço dos senhores rurais. A família foi sendo obrigada a abrir gradativamente suas fronteiras e quebrar seu isolamento social. Ampliaram-se o convívio social e as influências recebidas de fora. O patriarca começaria a estabelecer um novo padrão de relação na medida em que seu poder iria se enfraquecendo.

O poder latifundiário foi abalado com o advento da corte, que tomou consigo a aristocracia e os representantes da burguesia industrial européia. Uma nova exigência despontava para as famílias participarem da corte: aristocratizar-se. As terras, os escravos o dinheiro que possuiam não eram suficientes para ingressarem na corte: era necessário que elas enobrecessem.

> "A família de elite começava assim, seu processo de abertura para uma nova sociabilidade imposta num primeiro nível pela urgência em nivelar-se, nas aparências, à nobreza ou a burguesia européia mas também, num outro nível, por motivos bem mais praticos e bem menos genéricos."

(Costa, p. 106)

As regras sociais mudaram, os membros das famílias começaram a se diferenciar, em função da redução do poder do patriarca. As mulheres viam-se diante da possibilidade de mudanças em suas posições; por muito tempo oprimidas pelo poder do senhor, foram beneficiadas nessa nova ordem que surgia. A introversão social começou a ser fragmentada, hábitos e costumes foram modificados. A velha estrutura cedeu lugar a novos códigos, a novas regras familiares. Foi então, desencadeado um processo que colocou a família diante de dois caminhos; ou se adequar as mudanças, a essa nova época ou manter a mesma estrutura e "morrer economicamente."(Costa.p.109)

Coube à higiene um papel importante na adaptação da família a essa nova ordem, objetivando levar aos indivíduos a tutela do Estado. Ao instituir novos papéis e novas

funções, atuando sobre a desordem familiar, adaptou a família a esses novos tempos.

2. 2 - Família - Grupo Social

O rompimento da rede de solidariedade, a dependência excessiva entre os membros da família, a diminuição do "pátrio poder", a fragmentação do modo como se estruturava levou a família a passar por diversas formas de organização até chegarmos à família atual.

As modificações político-econômicas advindas da industrialização e a conseqüente deterioração dos antigos laços familiares, a fragilizaram excessivamente tornando-as um campo propício para penetração de agentes normalizadores (especilistas de diversas ordens). Assim, tiveram papel importante os "saberes" sobre o homem (medicina social, psicanálise, pedagogia), na reorganização familiar, influenciando no comportamento com relação à criança e na redefinição dos papéis familiares.

O poder familiar centrou-se na educação dos filhos e não mais na esfera política. Seu poder passa a ter uma forma periférica, articulada a outros poderes e voltada para o privado. . Assim o poder político exercido pelas famílias através das antigas alianças, foi deslocado para um Estado centralizador regido pela ordem industrial e pela ordem imposta pelo capital. Nesse contexto, a família foi um campo fecundo para que através da ação de especialistas o poder do Estado, o controle social, pudesse ser exercido. Ou seja, a

ação dos especialistas se dava no sentido de adaptar a família à ordem do capital que emergia.

Na descrição que se segue tematizaremos a família dentro da sociedade capitalista contemporânea (caracterizada fundamentalmente pela acentuada divisão social do trabalho) e sua articulação com o modo de produção capitalista bem como seu papel de agente que reproduz e perpetua a formação social, ao partilhar as funções ideológicas do capitalismo com outros grupos ideológicos encarregados de reproduzir as relações sociais da produção.

Essa nova configuração político-econômica necessita da família como mais um agente que veicula a ideologia dominante. É um sub-sistema dessa engrenagem social, estando a seu encargo o complexo processo de constituição do indivíduo,(da estruturação psíquica à entrada no processo de produção).Assim, a família volta-se para a sociedade, preparando seus membros para ocupar um lugar no grupo social mais vasto. Enquanto grupo social, requer a existência de normas, produto da internalização dos valores da sociedade,transmite aos seus membros a norma social e os introduz no mundo externo. Internamente é responsável pela satisfação das necessidades emocionais e pela determinação dos papeis, pela diferenciação e por conseqüência, o crescimento de cada membro. Para Ackerman a família modela a seus membros de forma a concretizarem suas funções, e esses concentram-se em torno da família em busca de satisfação.

Nesse universo a família tem a função estratégica de atuar como agente definitivo e mediador em relação a so

ciedade.

> "... às vezes aparecia como estrutura-unitária que age como um indivíduo, assumindo dessa forma, uma posição característica em círculos mais amplos, inclusive no mais amplo de todos às vezes aparece como um círculo intermediário que se interpõe entre o indivíduo e o círculo maior, que encerra tanto o indivíduo quanto a família."
>
> (Simmel, p. 263-4)

Como um grupo social, a família determina as respostas de seus membros, através de estímulos provenientes do núcleo familiar, bem como do meio social. Por sua vez, esses membros têm influência sobre o contexto no qual estão inseridos e ao mesmo tempo são influenciados pelo meio, ocorrendo assim uma seqüência de interações que operam entre si. É dentro desse processo que a família se constitue e se organiza.

Minuchin (1977) caracteriza a família como um sistema que opera dentro de contextos sociais específicos e designa três componentes que a definem como um sistema:

- a estrutura familiar é um sistema sócio-cultural aberto em processo de transformação;
- a família está sempre submetida a etapas que exigem uma reestruturação;
- a família se adapta às circunstâncias que a modificam de forma que é mantida a continuidade, fomentando o crescimento psicosocial de cada

um de seus membros.

> "Do mesmo modo em que, em um sentido genérico a família troca, se adapta constantemente, a família é um sistema aberto em transformação, que constantemente recebe e envia descargas para o meio extra-familiar e se adapta às diferentes demandas das etapas de desenvolvimento que enfrenta."
>
> (Minuchin, p. 84)

A família como um grupo tem uma história, tem sua existência assegurada no tempo, através de diversas séries de interações pessoais e feedbacks (retroalimentação) auto reguladores. A família sofre maciçamente influências tanto internas em função da evolução de seus membros, como pressões externas significativas, exigindo-lhes constantes transformações, sem contudo perder seu equilíbrio psicodinâmico.

1.3 - Família Urbana e Redes Sociais

Analisaremos a seguir, a família urbana, suas características e a influência da urbanização na organização familiar. A urbanização impõe limites concretos às formas de sociabilidade e mesmo a relação familiar interna. (Áries 1981) assinala em especial três fenômenos que marcam a vida urbana:

- sua organização e controle pelo Estado, não dei

xando espaço para a iniciação exceto por caminhos já bem delimitados (escola, trabalho).

- Separação e a distância entre o lugar de trabalho; a casa, o lazer etc, provocando deslocamentos constantes.

- A concentração do afeto nas relações familiares devido à superficialidade das relações de trabalho (mundo de vigilância e do controle).

Diz ele, ainda que nossas grandes cidades atuais perderam qualquer característica socializante. Quanto maior for a população urbanizada menos existirá cidade(1981 p. 20). Cada família em sua casa, em sua intimidade e no círculo escolhido de amigos. As "condições de vida"na cidade atual tendem a provocar o isolamento do núcleo familiar, porém existem diferenças na forma como determinadas"culturas" lidam com esta situação.

Alguns autores estudam a família através das redes sociais nas quais estão inseridas. Fundamentam sua análise partindo do princípio de que a organização familiar vincula-se a toda uma rede de relações onde se inclui a família, parentes,amigos, companheiros de trabalho.
Enfim descrevem a família como contida numa rede de pessoas inter-relacionadas, organizada segundo características próprias de sua cultura.

A concepção citada acima é compartilhada por Bott que analisou a relação família e contexto social, tomando como base a família urbana inglesa. Bott apontou em seus es

tudos que as famílias, apesar de estarem envolvidas em diversas relações externas, não se caracterizam por estarem confinadas dentro de um grupo organizado. As pessoas com que a família mantém seu relacionamento externo não estão vinculadas entre si, não formam um todo organizado, com objetivos comuns, papéis de interdependência e nem possuem uma cultura peculiar. A família, dentro dessa concepção, é definida por pertencer à às redes e não a grupos.

> "... Em uma rede as unidades componenciais externas não formam um todo organizado mais abrangente, elas estão cercadas por uma fronteira comum."
>
> (Bott, p. 76, 1976)

As famílias urbanas possuem uma rede de relações sociais. Elas não são isoladas, na medida em que seus membros mantém muitas relações externas com pessoas ou grupos fora da família. Bott ressalta que seria incorreto definir a família como estando isolada. O que a caracteriza é o grau de privacidade é o fato de ser altamente "individualizada" em comparação à família em sociedade de pequena escala. Entretanto, existem diferenças no grau de individuação entre as famílias urbanas, bem como são encontradas as diferenças significativas de uma rede para outra.

AS redes envolvem diversas pessoas e muitas instituições separadas e sem conexão entre si, cada qual com uma função e um papel específico. Seus limites sociais são amplos e definidos. As famílias da sociedade de pequena escala são relativamente fechadas e estão encapsuladas no seu

grupo social. Suas atividades são conhecidas por todos, não escapam às sanções grupais, e suas questões são governadas pelo grupo ao qual pertencem.

As redes têm variações em sua conexidade que dependem não só da família como do contexto sócio-cultural. A conexidade das redes está vinculada a uma complexidade de forças, onde coexistem vínculos econômicos entre os membros da rede, oportunidades para fazer novos contatos sociais, modalidade física e locais. Essas forças nem sempre atuam na mesma direção e elas podem afetar diferentes famílias, de diferentes maneiras, pois dependem também das necessidades e atitudes conscientes e inconscientes da família.

> "A conexidade de uma rede de uma família depende não somente das forças sociais externas, mas também da própria família. Embora os membros de uma família não possam controlar as forças sociais do meio social total, eles podem fazer uma seleção entre muitos recursos da ação que essas forças promovem. É a variedade do meio social total que faz com que a escolha seja possível, mas não é a família que toma decisões reais. As decisões são configuradas pelos fatos de uma situação, mas dependem da personalidade dos membros da família e da maneira como reagem dentro dos fatores da situação."

(Bott, p. 115)

A conexidade a qual Bott refere-se diz respeito à extensão em que as pessoas conhecidas por uma família se conhecem e se encontram uma com as outras independente da

família. Segundo os padrões de relacionamento externo, Bott divide as famílias em grupos de acordo com o grau de conexidade de suas redes de relações: família de rede de malha estreita e família de rede de malha frouxa. Alguns fatores como a mobilidade física e social contribuem para aumentar ou diminuir a conexidade das redes.

Algumas características das malhas

malha estreita

- alto grau de segregação de papéis
- alto grau de conexidade da rede
- marido e esposa voltados também para seus relacionamentos externos. A satisfação afetiva não se centra exclusivamente no casal
- papel do homem normalmente vinculado a traços autoritários

malha frouxa

- pouca segregação de papéis
- grau de conexidade da rede baixa
- marido e esposa organizam-se conjuntamente
- maior variação das normas e valores e menor controle sobre o casal, quanto ao cumprimento destas

Julgamos importante referir-mos aos três tipos de organização familiar definida por Bott: complementar, independente e conjunta.

Complementar - as atividades do marido e esposa

são distintos, mas ajustam-se de modo a formar um todo.

Independente - atividades são separadas, sem vinculação uma com a outra.

Conjunta - as atividades ocorrem conjuntamente.

Bott atribui a expressão "papel conjugal segregado", ao tipo de relação onde predominam a organização independente e complementar.

Ao descrevermos as características dos tipos de malha, evidenciamos que a família que pertence à malha frouxa assemelha-se à família privada, fechada em si mesma, apresentando características marcantes da família moderna.

III - A INTERSEÇÃO DA ORDEM PENITENCIÁRIA E DA ORDEM FAMILIAR

Analisaremos a partir do referencial teórico, descrito anteriormente, a interseção da ordem penitenciária e a ordem familiar, objetivando um entendimento de como a ordem penitenciária intervém nas famílias em seu processo de reorganização no interior do cárcere e como a família interfere no funcionamento prisional.

A instituição carcerária, objeto da pesquisa realizada, situa-se no complexo penitenciário Frei Caneca, do Rio de Janeiro, carecterizado por ser de segurança máxima e com uma população aproximada de 700 homens com muitos anos de condenação.

Os dados dessa pesquisa foram obtidos de entrevistas semi-estruturadas realizadas com 10 internos, 3 esposas,7 agentes penitenciários e 3 funcionários ocupando cargos de chefia. Três tipos de entrevistas foram realizadas de onde foram derivadas as categorias de análise citadas abaixo:

Entrevistas com internos e esposas:
- Representação da prisão para a família.
- Representação da família(antes e no cárcere).
- Representação do pai.
- Representação dos filhos.

- Representação da esposa.

Entrevistas com funcionários:

- Representação da família para os internos.
- Representação do Parlatório.
- Efeitos da família no cárcere.

1 - SINTESE DAS ENTREVISTAS

3.1.1 - Entrevistas com Internos

Interno 1 - 36 anos

Constituição familiar: 6 filhos (15a, 12a, 9a. 6a, 1a). Convivência fora do cárcere - 3 anos. Esposa 32a - casado 16 anos.

História da Prisão: 30 anos de condenação

1ª Detenção - Assalto à Banco, 1973, enquadrado na Lei de Segurança Nacional.

2ª Detenção - 1980, Assalto à Supermercado

1973 - era preso da Lei de Segurança Nacional

1980 - fui beneficiado com a anistia. Só que três meses depois fui pego em outro assalto.

Representação da Família

Antes da prisão não existia muita responsabilidade, mas sempre me dediquei, porque para mim isso é lei. Desde que casei a família representa tudo, mas com a vida que a gente levava lá fora não podemos conviver no dia a dia para a proteção da família. Porque um dia pode ser a polícia arrombando tudo atrás da gente, outro dia pode ser um inimigo. Mas assistência eles tinham total.

Representação no Contexto Carcerário

Grande coisa, represento - tudo. A pessoa sem famí

lia já não é ninguém, aqui dentro mais ainda. Eu convivi mais com minha família aqui dentro do que lá fora. Apesar de ser pouco o contato, porque são poucas horas de visita. Vejo meus filhos de 15 em 15 dias, exceto os 2 menores; porque é difícil minha mulher vir com os 6 .

Eu acho que meus sentimentos com relação à família não mudaram. Agora com mais afeto, porque agora tem mais saudade; quando estamos lá fora a família está perto e ai nem se sente saudade. A família ajuda a diminuir o sofrimento. Porque se a família abandona o cara aqui dentro, ele é levado ao desespero.

Representação da Esposa

Ela é muito importante, as esposas tiram cadeia juntos; é uma cadeia psicológica. Estão lá fora, mas mentalmente estão aqui dentro. Elas sabem que a cadeia é cheia de altos e baixos, e a mesma tensão que vivemos aqui dentro, elas também vivem lá fora.

Representação dos Filhos

Os filhos para o casal é tudo, o filho dá felicidade completa ao casal.

(A princípio pediu para falar disso depois; somente 2 encontros após, é que pode responder)

Representação da Prisão para a Família

A cadeia é sofrimento.

Projetos Futuros para a Família

Quero deixar minha família bem, sem depender de ninguém, não quero que meus filhos passem o que passei. Pai que quer que os filhos sigam a mesma vida dele não é pai. Comigo não me preocupo, preocupo mais com a família.

Relacionamento da família com a massa carcerária:

É um clima de respeito, É lei se um preso não respeitar à família do interno ele vai morrer.

Relacionamento da Família com a Penitenciária

Aqui dentro são os guardas que tem mais contato com as famílias. Eles não respeitam muito não, estão sempre provocando. Só que muitas vezes nossas famílias escondem o que aconteceu lá fora. Porque dependendo nós não vamos matar o cara não, mas vamos fazer tudo para ele ser afastado daqui. E se o caso não se resolver até paramos a cadeia, porque a cadeia só funciona porque o preso trabalha.

Interno 2 - (17 anos presos) 39 anos

Condenado a vários processos que totalizaram uma pena de 600 anos, depois de juntar todos os processos num só, sua condenação caiu para 30 anos. Saiu em liberdade condicional no final desta pesquisa.

Constituição familiar: esposa e 3 filhos (15a, 12a, 10a) casado 18 anos.

História da Prisão:

1ª Detenção - 1969 acusado de tentativa de homicídio

2ª Detenção - 1970 Assalto.

Fui acusado de tentativa de homicídio, de um policial do exército e nessa época trabalhava numa empresa, mas como fiquei 6 meses preso, fui demitido porque consideraram abandono de emprego. Para ser readmitido precisava de uma carta da polícia relatando o que aconteceu, só que como a polícia me torturou para que confessasse, eles não me deram porque assim seria uma prova também contra eles. Aí comecei a me sentir cada vez mais injustiçado e consegui um dinheiro comprei 2 revólveres e 1 bicicleta e daí fui sozinho assaltando caminhão na estrada. Vim para a cadeia em 1970, com poucos anos de condenação, mas aqui convivendo com todos os tipos de pessoas, fui entrando cada vez mais na criminalidade. Fugi 4 vezes e em cada fuga arrumava mais um processo. Nesse tempo todo de cadeia fui me marginalizando cada vez mais. Há 13 anos que não fujo.

Representação da Família

Sempre gostei da família, mas não valorizava muito. Casei antes da prisão, mas não tinha conceito de família, era só bar. A minha família só se formou aqui na prisão. Nossa vida foi só dentro da cadeia, mesmo quando fugia não ficava muito com eles, para não ser descoberto e também para protegê-los. Meu filho de 15 anos nas

ceu quando estava foragido, a de 12 anos também e a de 9 anos quando era colono livre (preso da ilha grande que mora com a família em vila ao lado da cadeia).

Não fujo há 13 anos, porque só arrumava mais preocupação para minha família. Minha família já vive na pior, quando estava foragido piorava tudo.

Representação da Família no Contexto Carcerário

É a base de tudo, dentro da cadeia mais ainda, ela é tudo. A família compactua com o erro, aceita a gente como nós somos, aceita integralmente. Eles são livres para nos abandonar, mesmo que a gente fique bolado (raiva). Mas minha mulher não me deixou e tinha liberdade, só que se manteve comigo. E isso me fez me sentir gostado, querido.

Representação da Esposa

Significa mãe, amiga, muito mais que esposa. Ela é uma Amélia, não é qualquer uma que aguenta 18 anos. A esposa acho que é quem sofre mais. Ela segura a barra lá dentro, e lá fora.

Representação dos Filhos

Joia mais rara que tem na vida

Representação da Prisão para a Família

Representa uma caisa muito ruim, tudo que eles

passam a família sente na carne. Já sofri certos castigos que repercutiram neles. Quando ficava no castigo uma das coisas que piorava era a situação financeira deles, porque eu não podia me virar.

Projetos Futuros para a Família

Meus planos são aquela pintura na parede do meu cubículo que você viu. Meu pensamento é ter uma casa distante (sítio),(Pintura - Sítio,casa cercada com muitas árvores, eles estão todos no quintal, ele sentado numa cadeira de balanço, fumando cachimbo; a mulher sentada em outra cadeira; o filho soltando pipa; as meninas brincando. Tudo cercado por muitas árvores, flôres, rio e boi pastando.)

Relacionamento da Família com a Penitenciária

A família é muito maltratada, passa por vexames. Só a revista já é vexatória, passa por uma série de humilhações. Se traz uma comida gostosa, ela chega toda revirada, se faz um bolo ele chega todo esfarelado. A guarda não é muito boa, tem uns até que jogam piadas indecentes, agora tem uns que até tratam legal.

Interno 3 - 34 anos

Constituição familiar: 2 filhos (12a e 9a) esposa 34 anos. Casado - 14 anos. Convivência fora do cárcere 5 anos.

História da Prisão: 22 anos de condenação

1977 - Preso por receptação de eletrodoméstico e automóvel; condenado a 5 anos.

1980 abril - Fugiu retornou 1981 - Assalto a Banco.

Nesse período foragido fui encontrando companheiros que também havia fugido; formei uma quadrilha e me envolvi com assaltos à Bancos.

Representação da Família

Sempre fiquei perto da minha família mesmo quando fugia da cadeia, e viajava levava todos comigo. A família é tudo.

Representação da Família no Contexto Carcerário

Tudo,representa tudo, solidariedade, apoio afetivo, moral, financeiro. É a única forma que temos que dialogar, um preso sem família é um preso abandonado.Hoje eu apenas a respeito mais, antes estamos juntos os problemas existiam mais eram menores. Agora temos uma série de privações . Quando uma família se locomove para visitar o parente que está preso, é porque ele é importante e faz falta.

Desde o momento que o cara entra na vida marginal ele ficou contra a sociedade, contra a família, contra tudo. E é muito bom vê que a família o ama, a esposa, os filhos o amam e demonstram a mesma ou mais afetividade que antes. Por

que a família se subjuga a situações humilhantes, se sujeita a isso tudo é porque gosta muito apesar de seus defeitos; o cara se sente mais seguro.

E desde o momento que o interno tem família, ele tem com que se preocupar. E muitas vezes a família pode representar a ressocialização, a integração a uma vida não marginal. Porque ele pode valorizar o esforço que a família faz e todo o sofrimento que passou.

Representação da Esposa

Tudo, pai, marido, mãe, esposa é tudo.

Representação dos Filhos

São tudo que tenho na vida. O caçula conviveu comigo só aqui dentro e 1 ano lá fora quando estava foragido; o outro vivemos juntos até os seus 3 anos de idade. Eu amo muito eles, e eles são mais agarrados a mim que a mãe.

Representação da Prisão para a Família

Sofrimento, humilhações. Quando fui preso minha esposa estava grávida de 5 meses do caçula, foi um choque terrível, mas ela reagiu. Aguentou o sofrimento e não quis ir morar com o pai ficou aqui comigo.

Relacionamento da Família com a Penitenciária

A família é tratada sempre sem muito respeito. Há guardas que sentem prazer de humilhar. Não tem nenhuma huma-

nidade.

Projetos Futuros para a Família

Eu tinha um grande patrimônio, lojas comerciais lanchonete), tudo foi comprado com o dinheiro da vida marginal. Quando fui preso a justiça me tomou tudo só consegui ficar com uma lojinha, minha mulher tomou conta abriu um mercadinho e hoje já ampliou. Hoje por conta do trabalho dela, estamos bem, não quero mais voltar ao crime quero tocar para frente a loja que já temos. Hoje meus filhos vivem bem, só com o dinheiro dessa loja. E é lá que vou trabalhar. Voltar para aqui nunca mais.

Interno 4 - 36 anos

Constituição familiar: 1 filho (10a) esposa 34a. Casado - 11 anos - convivência fora do cárcere - 1 anos.

História da Prisão: 30 anos de condenação

1976 - 1ª Detenção - Assalto

A princípio fui preso e enquadrado no 155 (furto sem arma), depois 157 (assalto e mão armada). Eu sempre vivi com dificuldades e na época achei que o crime ia resolver tudo, só que desandou tudo.

Representação da Família

Se resume em tudo; é uma responsabilidade que o ca

cara adquire quando constitue e que tem que fazer por ela o possível e o impossível.

Representação da Família no Contexto Carcerário

Significa mais resignação, conforto em todos os sentidos. É afeto, é estímulo para uma nova vida.

O mundo aqui dentro é completamente diferente do mundo lá fora, e aqui ela é tudo. Hoje aumentou meu amor por ela e também minha responsabilidade.

Representação da Esposa

Pai, mãe namorada, companheira é tudo.

Representação do Filho

Muito mais que a esposa, é a minha metade. Meu filho vive dizendo que precisa de mim lá fora. Ele quer muito que eu saia logo daqui. Vive me dizendo que quer que eu leve para escola, quer passear comigo. E na verdade é muito difícil a minha mulher está sozinha criando ele. O menino precisa muito da presença do pai. Ele às vezes fica acanhado para falar certas coisas com a mãe. Eu tenho muita coisa para dialogar com meu filho.

Ele vem sempre aqui, se não vier ele não se conforma. Ele (filho) teve um sonho noutro dia, que eu estava chegando em casa de carro com a mãe. Eu acho que isso é muita

vontade de me ter em casa.

Representação da Prisão para a Família

É um horrível sofrimento. Tanto que quando fui preso, não deixei minha mulher vir aqui. Achava que ela não devia mais se envolver comigo. Deveria levar a vida dela e não ficar perto de mim sofrendo. Eu cheguei até a expulsá-la da cadeia, eu só queria que ela não sofresse. Isso durou 4 anos, e ela não desistiu e eu também não aguentava mais ficar longe deles (esposa e filho) e assim passei a conviver com ela e com o garoto. Eles vem sempre , ela sempre diz que nada nos separa. Minha esposa é evangélica, apesar de não aceitarem uma porção de coisas, a igreja acaba dando forças e resignação.

Relacionamento da Família e Penitenciário

Uns funcionários tratam bem e outros mal. Tem guardas que respeitam (mas são minoria). A maioria joga piadas indecentes, humilhação o tempo todo, principalmente na portaria da rua. É só humilhação.

Projetos Futuros para a Família

Não quero voltar para cadeia, quero seguir uma vida honesta, arrumar uma profissão. Sei que vai ser difícil, vou sair engatinhando, mas sei que a família vai ajudar e eu vou conseguir estrutura sólida para eles. Também tenho tios

que podem ajudar a conseguir emprego, já ajudaram meu pai quando ele saiu da prisão.

Interno 5 - 39 anos

Constituição familiar: 4 filhos (3 filhos do 1º casamento 16a, 14a, 13a e 1 filho do 2º com 2 anos e 8 meses). Esposa 20 anos. Casado - 6 anos.

História da Prisão:30 anos de condenação

1º Detenção - 1982 - Tráfego de drogas

Fui preso sem documento ao voltar do trabalho, fiquei 70 dias preso, apanhei muito e eu que já era revoltado,mais ainda fiquei. Perdi o emprego e jurei que só seria preso de novo por motivo. Fui mudando de vida e entrando para vida marginal. Me envolvi com tóxicos. Durante 12 anos fui caçado pela polícia. Até que num tiroteio com a polícia fui baleado e conseguiram me prender.

Representação da Família

A razão de viver.

Repressntação da Família no Contexto Carcerário

Aqui ela é mais que tudo razão de satisfação, de afeto e quebra da monotonia. Lá fora sem a família já é

ruim, aqui é terrível, é uma monotonia. Só homem aí dentro. Apesar de amigos, são pessoas desconhecidas. A família ajuda tirar os maus pensamentos, mas às vezes coloca também preocupação. Porque reclamam que não tem as coisas que não tem isso, que não tem aquilo. E eu fico angustiado.

Representação da Esposa

Ela preenche o vazio; às vezes estou bolado(raiva) e quando minha mulher chega, passa tudo, é um alívio.

Representação dos Filhos

Representa carinho, representa tudo de bom que temos.Mas também passou a representar problemas, porque eu fico aqui dentro e não posso resolver os problemas deles na rua. Quando estava em liberdade eu fazia tudo,mesmo com todos so problemas com a polícia, eu levava todo dia na escola, fim de semana eu levava para passear. Hoje eles chegam aqui dentro e me encontram durinho. Eu fico preocupado porque os costumes deles mudaram muito.

Meus filhos mais velhos, pararam de estudar porque não tenho dinheiro para dar, nem para o ônibus. Isso me deixa acabado, arrazado. Meu filho de 2 anos e 8 meses vem pouco aqui não quero que cresça com grades e trancas na mente. Para mim é um martírio estar longe deles.

Representação da Prisão para a Família

Muito sofrimento, minha esposa reagiu muito mal

ficou mais agresssiva e no início toda vez que vinha me vê chegava chorando e ia embora também chorando. Ficou um mês em total depressão. Meu filho de 13 anos sempre que vem me visitar, fica chorando muito e baixinho num canto. Acho que tudo isso é a falta de convivência. Além disso no meu caso, a prisão significou perda financeira. É só sofrimento, minha mulher, toda vez que tem que ir embora quer ficar.

Relacionamento Família com a Penitenciária

Não é bom, são submetidos a uma revista vexatória e escandalosa. É um problema grande, o relacionamento não é bom.Aqui dentro é uma vida inconsciente, cheio de trama e maquinação e a família é vítima dessa conspiração.

Projetos Futuros para a Família

Quero ter uma vida diferente com eles, quero dá paz a minha família. Quero ir embora do Rio de Janeiro,sair de perto dos lugares que convivi, para não voltar a vida marginal. Quero trabalhar como padeiro, profissão que já aprendi; apesar de 30 anos de cadeia, tenho esperança de sair do crime e levar uma vida legal.

Interno 6 - 49 anos

Constituição familiar: 2 filhos (23a e 21a) esposa 48a. Casado - 27 anos.

<u>História da Prisão</u>: 39 anos - preso há 17 anos

15 anos - (falsificação de documentos)

1ª Detenção - 1969 - 4 fugas - envolvimento com assalto à banco mais 24 anos.

Trabalhei no Loyd até 1964, ai um grupo foi afastado e eu fiz parte desse grupo de ociosos. Voltei a ser biscateiro e de repente montei uma gráfica para fazer serviço à agências de automóveis. Nisso apareceu um tenente no meu caminho, foi então que começei a fazer carteira de identidade de tenente e capitão. Eu então passei a ostentar patente de tenente, andava fardado, cheguei ao ponto de prender um guarda na barreira rodoviária, porque ele estava extorquindo um caminhoneiro. Foi quando peguei 15 anos, fui preso e fugi 4 vezes e me envolvi com assalto a banco peguei mais 24 anos.

<u>Representação da Família</u>

Eu desde os 7 anos vivo sozinho e as minhas custas. Fugi de casa aos 7 anos por causa de um padrasto. Fui camelô, guardador de lista de bicho e sempre sozinho. Falar sobre o que é família é difícil. A princípio foi só depois que casei é que conheci o que era família. E ela é muito importante para mim.

<u>Representação da Família no Contexto Carcerário</u>

A família é que segura a barra de todo. O preso

tem fibra e força para aguentar, por causa da fibra da família.

Representação da Esposa

As mulheres dá gente são as verdadeiras amélias. São mulheres que sofrem o pão que o diabo amassou, mas estão aqui sempre. E nós temos que ter um compromisso moral com elas, em função do sofrimento que elas passam e por sua dedicação.

Representação dos Filhos

Eu desde os 7 anos fui sozinho, não fui filho de ninguém. Mas vejo meus filhos como algo muito importante e querido, minha filha foi atropelado a um ano atrás, ela quase morreu e eu quase morri junto aqui de desespero.

Representação da Prisão para a Família

Um lugar repressivo como este aqui, não pode ser bom para ninguém. Isso é o terror das famílias.

Relacionamento da Família com a Penitenciária

As famílias são totalmente marginalizadas. Aqui dentro é um regime repressivo, arbitrário e a família não escapa dele. Fazem nas revistas exames ginecológicos por

pessoas que não são capacitadas. São exames de extrema violência.

Noutro dia mandaram uns companheiros construirem uns degraus e ai nós descobrimos que era para nossas mulheres e filhas subirem ali, para que eles pudessem olhar dentro delas. Claro que isso não foi construido, nós pulamos logo. Os guardas aproveitam de tudo para humilhá-las.

Projetos Futuros para a Família

Agora eu só penso em sair daqui. Só estou lutando pela minha condicional. Não sei o que vou fazer ainda, quando chegar lá fora. Mas meus filhos já estão crescidos e arrumados lá fora ; agora voltar aqui para dentro nunca mais.

Interno 7 - 38 anos

Constituição familiar: filho (± 16a (1º casamento, não conheceu) filha 3a -(2º casamento). Esposa 3º casamento.

História da Prisão

1ª Detenção - 1972 - Assalto à Banco - 34 anos (Lei de Segurança) - 1983 - liberdade condicional.

2º Detenção - 1985 - Assalto à Banco - 34 anos

1971 me envolvi com uma quadrilha de assaltantes de banco, fui preso em 1972 com 18 - 19 anos. Fugi várias vezes. tinha 34 anos de condenação pela Lei de Segurança Nacional. Quando houve a anistia em 1979, os assaltantes de banco que não eram presos políticos, mas que estavam na Lei de Segurança, foram transferidos para a justiça comum. Nos enquadraram no artigo 157 (assalto). Nessa época o cara que tinha até 15 anos de condenação, conseguia sair em condicional. Minha cadeia era de 34 anos que na adequação ao 157, caiu para 17 anos.

Cumpri 11 anos e saí em condicional em 1983. Só que quando saí, estorou outro processo que não tinha sido julgado ainda. Foi então que quebrei a condicional porque não me apresentei mais à justiça. Viajei para outra cidade e só voltei 2 anos depois, Fiquei foragido, 2 meses depois fui preso novamente. Fiquei com 34 anos, porque tinha 17 anos que fui condenado, quando saiu minha condicional e agora 17 anos por tentativa de assalto a banco, motivo que fui recapturado.

Representação da Família

Não tenho uma visão tradicional, porque não vivenciei uma família como minha desde a infância. Não tenho mais apego a família, e depois que fui me aprofundando numa vida mais espiritual, fui relegando a família. Eu não fui criado por pai nem mãe e nem com irmãos. Fui criado por minha madrinha (mãe trabalhou com ela e me deixou). Mi

nha madrinha era uma burguesa e acho que fiquei lá porque teria mais condições de vida, mas acesso as coisas. Vivi de 1 ano até 12 anos, quando a filha da minha madrinha a pressionou para me colocar num colégio interno. Lá era tipo uma cadeia, não me adaptei e fui morar com minha mãe e depois voltei para madrinha e fiquei 2 anos; depois caí na vida.

Casei aos 18 anos só que nessa época éramos 2 viciados e não deu certo. Ainda mais que coincidiu com a minha entrada na vida marginal. Vivemos 6 meses e fui preso. A cadeia reforçou a separação, estava na Ilha Grande e as visitas eram difícies. Ela teve um filho, mas nem cheguei a vê. Em 1983 quando mudei de cidade, conheci outra mulher, casamos, ficamos juntos 2 anos. Não deu certo, só que tivemos uma filha, hoje tem 3 anos. Só convivi com ela 11 meses. Depois que fui preso nunca mais tive notícia. Minha companheira atual conheci na minha volta à prisão. Acho que em parte a rejeição da minha família por mim (mãe e padrasto) me levaram ao crime.

Mas acho que a família é fundamental, apesar de não ter uma.

Representação da Família no Cárcere

É tudo, o máximo que se pode ter. Quem não tem família não tem nada. A família aqui é carinho respeito, amizade, atenção, e o sistema nos dá o oposto. A família supre os aspectos emocionais, afetivos e materiais, senão o cara vira mendigo.

Representação dos Filhos

Não tenho experiência de convivência com filho, nem lá fora e nem aqui. Tenho um filho, que me separei da mãe dele logo que fui preso e não cheguei conhecê-lo.

A menina, eu participei de tudo e foi bom vivenciar seu nascimento só que vivi com ela até os 11 meses. Nessa época fui preso e a mãe dela, nunca mais mandou notícias. Não pude vivenciar a plenitude do que é ter um filho e mesmo os 11 meses de convivência com minha filha foi prejudicado porque eu já não estava bem com a mãe dela e também por causa da minha vida. Acho que ter um filho é bonito, é a extensão do cara, principalmente aqui na cadeia é bom se ter um filho. Entretanto depois que começei a estudar os aspectos místicos, meus conceitos foram mudando. Hoje minha filha é filha por mero acaso, ela é uma pessoa e eu sou outra.

Representação da Esposa

Tenho uma que tem sido tudo, não só pelo aspecto intelectual mas afetivo. É um grande fator de apoio, se não fosse ela, eu não sei aonde estaria minha cabeça.

Representação da Prisão para a família

O sentimento da prisão é relativo, vai muito da maneira de cada um encarar. Mas eu acho que é uma coisa negra, ruim, coercitiva. Em geral as famílias que não tinham convi

vência com a delinqüência, fazem tudo para o cara sair do crime. As famílias em geral, vêem a cadeia como nociva, causa males irreversíveis.

Projetos Futuros para a Família

Eu não tenho família, tenho essa companheira que está sendo muito importante, vamos vê o que vai acontecer.

Relação Familiar e Penitenciária

Muitos respeitam só na nossa frente, mas na ausência é desrespeito total. Os guardas são policialescos, desrespeitam sobre qualquer pretexto.

O sistema é aviltante em todos os aspectos. Nós somos aviltados e nossos familiares também. A lei diz que só punirá o delinqüente, mas as famílias sofrem todas as conseqüências, as famílias são vistas como nosso prolongamento.

Interno 8 - 32 anos

Constituição familiar: 2 filhos (8a. e 6a) esposa 30a. Casado - 12 anos

História da Prisão: 12 anos preso

1ª Detenção - 1974 (vários processos, que já ultrapassam 30 anos)

4 fugas

Condenado por assaltos

Representação da Família

É tudo

Representação da Família no Cárcere

Não mudei meu conceito, só que agora há mais união, há uma força que une mais a gente, por causa da necessidade. Em geral quando fujo, tiro a família de onde está e levo comigo. Quando venho preso ela também vem junto comigo.

Representação da Esposa

Ela é a família, é a casa é o lar.

Representação dos Filhos

Continuação da família

Representação da prisão para a família

É o último degrau, onde ela nunca esperava estar. Tem que ir para acompanhar seu parente. É ruim, muito ruim.

Relação Família e Penitenciária

Tratam muito mal, eu acho que tem muita gente aqui com pouca instrução. As famílias são submetidas aos maus tratos e a ignorância.

Projetos Futuros para a Família

Família é o primeiro pensamento, quero estar sempre com ela e dando condições de vida para eles.

3.1.2 - Entrevistas com as Esposas

Esposa 1

Reação à Prisão do Marido

Não reagi muito bem, não sabia da prisão dele e nem sabia o que ele fazia. Só soube quando a polícia chegou na minha casa. Os policiais mostraram o jornal e perguntaram se eu queria ver vê-lo no carro. Foi ai que eu fiquei sabendo da vida dele, achava que ele era balconista. Fiquei desesperada mas fui aceitando. A minha família me abandonou, diziam que além de ter casado com um preto, tinha casado com um bandido. Ele ficou preso dessa vez durante 6 anos e 4 meses. Quando ele saiu em 80, eu disse a ele, que se voltasse ao crime eu ia largar ele e proibir ele de ver os filhos.Ele então prometeu trabalhar mas só durou 3 meses. Nessa época todas as vezes que ele saia meu coração ficava pequenino. Um dia ele estava demorando muito, fui sentindo um negócio, por que sabia que alguma coisa estava acontecendo. Até que no jornal das 7 horas da noite começaram a falar sobre um assalto. Foram mostrando as pernas das pessoas que prenderam eu vi logo meu marido. Quando eu vi o rosto dele na televisão

meu desespero foi tão grande que fui quebrando tudo dentro de casa, tive pena dele, de mim e das crianças.

Relacionamento antes da Prisão

Casei com 15 ou 16 anos e ele com 20 éramos dois tolos. Ele vivia uma vida cheia de amantes. Sumia de casa só aparecia para trocar de roupa. Eu achava que era pelas amantes e pelas farras que ele desaparecia, Mas tinha também a vida marginal que eu não sabia existir. Brigávamos muito.

Relacionamento no Cárcere

Fiquei visitando ele; no início não tínhamos parlatório como agora. Fomos amadurecendo e aprendendo como viver essa situação. A cada dia fomos ficando mais próximos. Foi então que ficamos juntos como família. Mesmo sendo só sábado e domingo é bom porque ele aparecia pouco e eu ficava trancada em casa cuidando dos filhos. Perco quase um dia para chegar aqui e depois em casa. Eu só trago os dois menores, os mais velhos, só vem de 15 em 15 dias. Hoje os filhos são a vida dele.

Representação do Parlatório

É a casa da gente, os cubículos deles é nossa casa de fim de semana.É o único lugar que estamos juntos. As vezes eu não posso vir, mas venho de qualquer maneira porque senão fico numa agonia danada de não vir vê-lo.

Representação da Prisão

É uma escola de marginalização, não são educados para se integrar. Ali se aprende muitas coisas. Acho que, se tivesse melhorias no prédio, trabalho para eles, muita gente podereria sair daqui. o cara vive na miséria lá fora e depois aqui dentro. Ele só vai aprender bobagens e coisa ruim.

A família ajuda a não pensar bobagens. Eu não deixo meu marido pensar em fugir apesar que tem mulher que estimulam bobagens. Eu sempre expliquei para meus filhos o que era uma cadeia e porque o pai está preso. Eles sabem de tudo e faço questão que eles venham aqui não só para ver o pai mas para ficar com trauma de cadeia e não querer seguir essa vida. Tem presos amigos do meu marido que dão conselhos muito bons para as crianças.Mas aqui é um lugar muito perigoso tem muita criança revoltada e outras já com muitos vícios marginais.

Papel dos Filhos no Contexto Carcerário

Os filhos são os principais responsáveis por tirar pensamentos ruins da cabeça deles. Meu marido passou a ver os filhos como motivo para viver.

Papel da Esposa no Contexto Carcerário

Nós damos força a eles.Meu marido fica doidinho quando eu não venho. Antes ele era cheio de amantes, e eu era ciumenta. Agora mesmo sabendo que eu vivo para ele e os filhos ele morre de ciúmes de mim.

Papel do Marido no Contexto Carcerário

Mesmo longe da gente durante à semana ele participa de tudo. Quer saber de tudo, e decidir tudo.

Situação da Mulher nessa Estrutura

È tudo muito atribulado cuidar dessas crianças sozinha e do marido preso. Nós é que seguramos a barra toda. Quando a cadeia está quente nós seguramos toda a descarga. Além disso é muito difícil dá o que comer para esse bando de meninos. No mundo em que a gente vive, ter filhos a responsabilidade é maior, sozinha eu me virava. Mãe sozinha é muito difícil. Mas já me acostumei. Foi essa a responsabilidade que Deus me deu. A figura do pai impõe mais respeito, mais autoridade. Tem coisas que o menino tem que saber,que só o pai pode falar. O pai faz muita falta. Eu seguro tudo, a falta dele para os filhos, a falta dos filhos para ele, sou advogada dele. Vou ao fórum, ele não pode agir nada. Até isso eu tenho que fazer e ainda tenho que explicar tudo que faço.Ele quer mandar lá de dentro.

Representação do Pai para os Filhos

Adoram o pai, querem o pai perto.Trocam tudo para ficar com ele. Ele é muita coisa.Aqui ninguém esconde para os outros que o pai está preso.

Filha (15 anos) só com o carinho da mãe é muito chato. A família toda menos ele é muito chato

Filho (16 anos) Prefiro morar lá do que aqui porque lá é bom.

Filho (12 anos) Prefiro morar lá dentro com ele. Me sinto bem lá dentro.

Projetos Futuro

Quero muito meu marido perto da gente, levando uma vida fora do crime, não quero luxo, quero que trabalhe e ganhe para a gente viver. Só isso,mas acho que é difícil.

Esposa 2

Reação da Prisão do marido

Na 1ª prisão ele foi preso por uma tentativa de assassinato que não cometeu. A polícia pegou todo mundo para ver se ele confessava. O meu desespero foi que ele não tinha culpa. O homem que tentaram matar,quando ficou bom foi na polícia e disse que meu marido não tinha culpa, só que antes disso ele e eu comemos o pão que o diabo amassou. Queimaram o bico do meu seio, me deram choque na vagina, ele foi colocado no pau de arara,(tanto que ele tem 2 furos nos tornozelos), deram choque, bateram muito nele. Quando foi solto, já tinha sido demitido do emprego pois acharam que ele tinha abandonado. A polícia não quis dar um atestado de que ele estava preso. Foi então que ele ficou mais revoltado, pois não conseguia emprego. Até que comprou uma bicicleta um revólver e começou assaltar sozinho. Tanto que foi chamado pelos jornais de "assaltante solitário"e ai foi se juntando com outros assaltantes.

Quando foi preso pela 2ª vez eu já sabia o que ele

fazia, então o choque não foi tão grande. Eu dava conselhos, mas ele estava tão revoltado que não quis ouvir. Mas fiquei muito arrasada desesperada, porque não era essa vida que queria para a gente.

Relacionamento antes da Prisão

Casado lá fora por pouco tempo. Quando namorávamos era ótimo, saíamos para baile, outras vezes comprávamos pizza e íamos comer onde ele morava. Até que ficamos morando junto, já tem 18 anos, só que ele está preso a 17 anos. Nossa vida foi dentro da prisão e nós temos um problema que é não contar com nossas famílias. A família dele não gosta de mim e a minha não gosta dele. Nós moramos juntos 6 anos, foi quando ele estava na Ilha Grande. Ele conseguiu ser colono livre e tínhamos uma casinha na Vila. Era uma casinha direitinha só que o clima entre as pessoas é muito ruim. É polícia atirando em cima de preso, quando pulavam o muro, e isso geralmente acontecia em cima da gente. Era um perigo, um filho nosso podia até levar um tiro. E além disso eu vinha sempre ao Rio comprar as coisas, porque lá não tinha nada.Voltava carregada de sacolas. Nessa época abri uma cantina lá. Precisava ganhar dinheiro. Vinha ao Rio comprava as coisas e vendia lá; entrava no mato, pegava cachos de bananas e vendia também. (Vila de colonos é uma vila de casas junto à penitenciária, onde moram alguns presos.Aqueles que têm bom comportamento conseguem uma casa de colono e mora com a família. Eu dei muito duro para ganhar um dinheirinho, mas de qualquer manei

ra valeu, valeu porque convivíamos juntos, dormíamos juntos fazia uma comida melhorada, iamos à praia, na cachoeira lugar que ele tinha permissão.Tomávamos banho de mar juntos, eu ele e nossos filhos, fazíamos piquenique. Era ótimo. A pesar das dificuldades da Ilha e do ambiente, se tivesse que morar lá de novo com ele eu morava. Minha filha do meio nasceu lá. Agora é difícil. Lá é um lugar perigoso, tem preso que não é confiável tem que ficar de olho mesmo sabendo que vai morrer, tem uns que são viciados em agarrar meninas e mulheres. Eu fui agarrada por um interno que trabalhava fora da cadeia. Ele até comia na minha casa, meu marido dava a maior força para ele. Um dia meu marido estava lá dentro da cadeia e ele me agarrou não deixei meu marido fazer nada porque isso seria mais uma coisa que ia pesar contra ele.

Nós saimos da Ilha, porque ele tentou fugir e foi descoberto. Foi transferido para Água Santa e eu ia todos os dias para o Desipe, até que ele conseguiu ir para a Milton Dias.

Relacionamento no Cárcere

Eu acho que tudo é bom, desde que eu esteja com ele. Nós brigavámos só por ciúmes. Acho que eu é que não presto,eu é que crio caso de mais, ele não briga comigo,não fala mais alto não me bate. Acho que nós temos uma vida normal. Só brigamos por ciúmes,mas quem gosta tem ciúmes. Ele também tem ciúmes mas se segura. Eu venho toda semana, só fiquei sem vir quando fui internada e fiquei desesperada por

que não podia ir vê-lo. Você não lembra! lembra como estava lá na clínica?

Representação do Parlatório

Aqui é minha outra casa. O cubículo dele é minha outra casa. A casa que passo o fim de semana. Quando chega sexta-feira começo a arrumar a roupa, a comida e me mando. Para mim é tudo, morar fim de semana com ele na cadeia. Estar do lado do meu marido é ótimo. Só não é completo porque os filhos vem de manhã e vão embora à tarde e voltam no dia seguinte. Não podem dormir juntos. Às vezes quando tem algum cubículo vazio na galeria do meu marido, as crianças ficam lá. É maravilhoso.

Representação na Prisão

É um lugar horrível, nós nunca sabemos o que pode acontecer. Eu morro de medo na rua do que pode acontecer aqui dentro. Eu vou para casa sempre com o coração na mão.

Papel dos Filhos no Contexto Carcerário

Meu marido é louco pelos filhos e os filhos loucos por ele.

Papel da Esposa no Contexto Carcerário

Eu sei que sou importante, ele sabe que conta comigo para tudo. Eu sei que quando brigo com ele e não venho ele fica triste e aborrecido. Eu só de castigo fico um dia sem vir, ai deixo ele louco. Eu corro atrás de tudo, tudo que for para ele e para as crianças eu vou no inferno mas faço. Agora mesmo, vivo correndo atrás do Juiz para conseguir a condicional. Arrumei dois empregos, porque fui atrás. Só que ele não quer deixar eu trabalhar.

Papel do Marido no Contexto Carcerário

Ele quer saber de tudo,ele participa de tudo, quando vem as notas da escola, as crianças levam para ele ver. Agora mesmo, ele não quer que eu trabalhe.

Situação da Mulher nessa Extrutura

As duas pessoas que me ajudavam morreram minha avó (que me criou) e minha sogra (eu me dava muito bem com ela).

Minha mãe não me quis, minha avó é que de fato foi minha mãe, ela me ajudou e criou os meus três filhos e agora morreu. É um sacrifício danado, eu agora estou doente,preciso de uma série de coisas e não tenho com quem contar. É muito ruim sem ele; se tivesse ele perto de mim, seria melhor. Uma casa sem homem fica sem graça, sinto falta dele na criação dos filhos. Sinto demais. Eu me sinto muito sozinha.

Representação do Pai para os Filhos

O pai é tudo para esses filhos. Todos os meus filhos esperam a semana inteira para chegar sábado e eles vir visitá-lo. Todos eles querem muito morar com o pai.

Projeto Futuro

Agora eu quero que ele saia logo, mas o que eu mais queria era levar uma vida tranqüila. Sem ter que fugir, nós cinco juntos. Ele levando uma vida normal.

Esposa 3

Reação à Prisão do Marido

Fiquei muito desesperada. Nós vivíamos muito bem, eu não sabia desse lado da vida dele.

Relacionamento Antes da Prisão

Nos dávamos muito bem. Viemos juntos para o Rio, sofremos juntos no começo. Quando estava tudo bem veio a prisão.

Relacionamento no Cárcere

No início foi difícil, aos poucos fui me acostumando nós continuamos nos dando bem. Nós dois e as crianças, te

mos um bom relacionamento.

Representação no Parlatório

É bom porque assim podemos viver um pouco de tempo juntos. Quando estamos os quatro no cubículo, podemos viver como família. As crianças não dormem, mas durante o dia eles ficam conosco.

Representação da Prisão

È um lugar muito ruim. Aqui é um sofrimento grande. Tanto que poucas pessoas sabem que ele está preso. Nós achamos melhor fazer isso. Ficamos com medo que as crianças fossem discriminadas.

Papel dos Filhos no Contexto Carcerário

É muito importante. As crianças são tudo para ele.

Papel da Esposa no Contexto Carcerário

Acho que somos muito importantes para eles. Nós damos apoio, força, carinnho. Dividimos o sofrimento que eles tem aqui dentro.

Papel do Marido no Contexto Carcerário

Mesmo longe nós estamos decidindo tudo junto, mas é muito difícil ficar sozinha com os filhos lá fora.

Situação da Mulher nessa Estrutura

É muito complicada, eu consegui obter uma lojinha e foi dando certo mas é um sacrifício danado. Fico na loja de 6ª até sábado à tarde, saio de lá e venho direto para cá. Tenho que cuidar dos filhos, da casa da, loja tudo sozinha.

O menino mais velho já faz pagamento para mim, já está me ajudando muito.

Representação do Pai para os Filhos

Meus filhos tem adoração pelo pai. O pai é amigo, é pai é tudo para eles.

Projeto Futuro

Continuar o que já temos, só que com ele livre, trabalhando junto comigo.

3.1.3 - Entrevistas com os funcionários

Guarda 1 - 2 anos de serviço nessa unidade

Significado da Família

A família é muito importante para todo mundo.

Representação da Família para o Interno

De 2ª a 6ª feira preso é vagabundo, é rebelde é tudo que pode ser. Na 6ª feira passa a rebeldia. Tenta mostrar para a família que aqui não é um ambiente horroroso, mas é mentira. Em último caso o bicho pega com a família e tudo.

A família é assistência, remédio, juiz; tudo corre pela família. A parte jurídica e social é muto falha, nada funciona. Joga tudo para a família. É uma dependência material a carência aqui dentro. Ele tenta também acompanhar de perto a vida das famílias com essas visitas.

Por outro lado, tem o aspecto negativo que é o fato do interno se tornar mais agressivo em função de problemas que a família está passando lá fora.

Representação da Prisão para a Família

Acho que diverge de família para família. As mães vem por adoração aos filhos. As mulheres algumas vem por pressão, por medo, porque são obrigadas, outras porque gostam muito.

Tem mulheres que falam nos bastidores (na hora que entram ou vão embora) que só vêm porque senão eles matam. Agora, as mulheres que gostam, tornam-se até prostitutas na rua, para poder dar boa vida a eles aqui.

Representação do Parlatório

É o que se tem menos a falar. É uma forma de dar prosseguimento à vida sentimental, mas não é fundamental ter, mas de qualquer maneira o parlatório é bom, quem não gosta.

Representação do Jupirão (Todos os presos têm direito em dias estipulados a receber visitas no cubículo). É um absurdo sobe qualquer um.

A Prisão em dias de Visita

Não muda nada, nós sentimos que eles tentam demonstrar uma aparência de calma , que é irreal. O trabalho aumenta por causa das revistas.

Segurança em Dias de Visita

Não abala, porque estamos sempre vigilantes.

Relacionamento com a Família

É difícil de se colocar, porque depende do preso

e do funcionário. Está se perdendo o respeito como não se dá nada, não se pode cobrar nada, mas procuro ser cordial.

Relacionamento com Internos

É indefinido, um interno bonzinho pode te pegar de frente numa rebelião. É uma desconfiança total. Nunca se sabe porque está sendo tratado bem. Eu procuro ficar bem distante, e só me dirijo a eles falando sim ou não.

Tem interno que banca cadeia (cumprir a pena) sem criar problemas. Esses não perturbam.

Nós conhecemos a índole do preso, e isso é importante nessa situação, para sabermos como falar.

Contribuição da Família no Processo de Encarceramento

Acho que só ajuda para deixar um pouco mais calmo e só. Eles não têm jeito não.

Significado de Prisão

Lugar que se paga pelos erros. Errou tem que pagar.

Visão sobre a Unidade que Trabalha

Aqui hoje é uma zona, não tem disciplina; é preso conversando com diretor, fazendo o que querem. Está ruim para trabalhar.

Definição do Trabalho do Guarda

Tomar conta de presos.

Guarda 2 - 10 anos de serviço nessa unidade

Significado da Família

É uma coisa boa

Representação da Família para o Interno

Acho que para esses caras tanto faz ter família ou não. Tem preso de toda marca mas para eles a família não é importante, porque são insensíveis, e frios. O preso fica normal com a mulher aqui, quando ela sai ele mostra o que é realmente.

Representação da Prisão para a Família

Família de preso não quero nem saber. Ele é que deve saber o que é a prisão para a família. Quero é que eles se danem.

Representação do Parlatório

Não tem nada a falar, de preso e a família deles não quero saber, é tudo igual, tudo do mesmo saco.

Representação do Jupirão

É um absurdo, não é um direito é um benefício. Hoje eles acham que tudo é direito; tudo que se dá, torna- se um direito adquirido.

A Prisão em Dias de Visita

Não muda nada, até morte tem em dias de visita. É a rotina normal.

Segurança em Dias de Visita

Não muda nada.

Trabalho em Dias de Visita

Aumenta por causa da revista.

Relacionamento com a Família

É difícil, tem família de todo o tipo, mulheres de todo o tipo. Elas querem ser revistadas do jeito delas, e isso não pode. Quando me tratam de forma que não gosto prendo a carteira e não entra mais.

Relacionamento com o Interno

Muita distância,ele lá e eu aqui bem longe.

Contribuição da Família no Processo de Encarceramento

Nenhuma, elas são que nem eles

Significado da prisão

Deveria voltar o tempo da guilhotina, não pode

haver direito humanos na cadeia. O cara que mata, que rouba não pode existir.

Visão sobre a Unidade que Trabalha

Aqui não é cadeia, é uma zona. Não tem disciplina. Segurança é mínima, só tem vigilância 24 horas. Atualmente com a questão do cadeado (todos os internos colocaram ao mesmo tempo cola superbond em todos os cadeados da cadeia, como protesto). Não tem segurança e nem disciplina, porque eles não foram punidos. Tem que colocar vagabundo para trabalhar e dar lucro para o Estado. Eu não vou me preocupar com isso não.

Definição do Trabalho do Guarda

O trabalho é só tomar conta do preso sem ele vê.

Guarda 3 - 1 ano

Representação da Família

É importante para todo o mundo, precisamos de carinho.

Representação da Família no Cárcere

Para eles é importante também, porque senão vira bicho. Eles precisam de carinho, só que com regra e não liberado como está. Só deveria ter direito à visita preso bem

comportado.

Representação da Prisão para Família

É um monstro, aterroriza qualquer um. Eu tiro por mim. Isso aqui não existe, é um sofrimento para a família, para preso, para funcionários.

Representação do Parlatório

Acho que é o elo com a família. Mas deveria ser escolhido a quem dá; toda a regalia deve ser dada pelo comportamento. Vejo preso chegando hoje e já recebendo parlatório, isso não é possível.

Representação do Jupirão

Sou contra, porque significa desordem. Problema sério de segurança, tem muita gente. Podem fugir em dia de festas vestido de mulher. Jupirão é sinônimo de zona total. Isso aqui está uma zona, por exemplo: - regulamento diz que só pode dormir filho até 2 anos, hoje dorme até com 16 anos.

Prisão em Dias de Visita

Fica alterada, tem mais trabalho em função da revista. Mas dá para ter controle, porque todos são identificados. Eu fico com mais receio, porque a casa fica com mais

criança.

Segurança em Dia de Visita

Altera, mas dá para segurar. Eu tenho medo que aconteça alguma coisa em dia de parlatório, porque quando explode mesmo, entra todo mundo.

Relacionamento com a Família

Depende, mas a maioria traz um pouco de rancor, porque acha que o guarda é culpado, identifica o guarda como inimigo. É um relacionamento cumpliciado.Para eles e para as famílias, nós somos carrascos.

Relacionamento com Interno

Depende do preso e do funcionário, mas é muito distante.

Contribuição da Família no Processo de Encarceramento

Do jeito que as coisas estão, ela só acalma.A vinda da família diminui a pressão.

Significado da Prisão

Tem que ter um lugar que puna o cara que matou, que roubou, mas a cadeia é um lugar que desgasta a todos.

Eu fico 24 horas aqui dentro, posso até ficar sem fazer nada, mas fico muito cansado.

Visão sobre a Unidade que Trabalha

Aqui é um caldeirão do diabo. Sempre está fervendo. É muito tensa, é péssima. Agora eles não fazem mais comida para a gente. É um inferno trabalhar numa cadeia com 1000 homens sem fazer nada.

Definição do Trabalho do Guarda

Primoradialmente é vigiar. O preso vem para cá, porque é rebelde (mata, rouba). Nossa função é vigiar, é punir e disciplinar. Se o preso vem para cá e continua rebelde, tem que cortar todas as regalias.

As entrevistas desses três guardas foram realizadas num momento em que os internos decidiram não mais fazer comida para os funcionários. Essa atitude foi motivada, em virtude das atitudes hostis tomadas por determinadas turmas de guardas, principalmente a turma a qual fazem parte esses três.

Guarda 4 - 5 anos de trabalho nessa unidade

Significado da Família

A família é o que temos de mais importante.

Representação da Família para o Interno

Significa tudo, principalmente quando o cara é preso e encarcerado. O apoio dele é só a família. A única resposta concreta sobre tudo é a família. Ela dá notícias e dá diálogo, ela dá amor. É tudo, é o mais importante para o preso. Se tiverem que escolher alguma coisa, escolhem a família.

Representação da Prisão para a Família

Não gosta, é um sofrimento em muitos aspectos (financeiro, moral e afetivo). De repente tinha amizade na rua e às vezes se afasta por vergonha.

Representação do Parlatório

Estravasar o sexo com sua esposa. Mas às vezes pode ser negativo, como é o caso de homossexual. O cara vai tem relação com um homossexual, vai pegar doença e acaba passando para a esposa. Isso acontece na rua, porque não aqui.

Agora eu acho importante, tem guarda que tem compreensão e deixa filho até 12 anos dormir, porque muitas vê

zes a mulher não tem com quem deixar as crianças, e eles para terem sexo dão um jeito. Em geral as crianças ficam o dia inteiro no pátio brincando, nessas horas eles aproveitam. Eu acho melhor deixar os filhos lá dentro, do que sozinhos na rua. E dentro da cadeia os filhos são respeitados. A cadeia fica muito calma é ótimo.

Representação do Jupirão

Por mim teria todo o fim de semana. Fica tudo calmo, sem problemas. Aqui é muito disse me · disse entre os funcionários. Eu às vêzes tenho vontade de fazer cartazes com pensamento e sair pregando de madrugada pela cadeia, mas sei que isso não será bem recebido pelos outros guardas, proque muitos problemas que ocorrem com jupirão e parlatório, são os funcionários que causam. É claro,que preso arma muito. Já vi várias infrações nesses dias, como preso ter esposa e quando ele sabe que vai ter jupirão, ele manda a mulher não vir, alegando que a cadeia está quente(cadeia quente é cadeia tensa com problemas). Só que quem vai é a amante. Uma vez chegou uma esposa e quando entregou sua carteira, viu que já tinha uma lá com o seu nome, só que com retrato diferente. Esse interno tinha três carteiras de visita íntima. Para mim, a falha maior é de controle da administração e não do interno.

Rotina em Dias de Visita

O preso não fica tão ocioso, ele evita problemas com o guarda. Aqui muda em vários aspectos. o preso se preo

cupa em não fazer certas coisas, com a família aqui dentro é tudo mais fácil.

O problema é que o trabalho aumenta muito, por causa das revistas, por isso que os guardas não gostam. Por exemplo: - jupirão vem muita gente, então tem que ter atenção maior na entrada e na saída.

No parlatório é diferente, por causa da carteira do parlatório.

Segurança em Dias de Visita

Trabalho dobra, mas segurança é mais tranqüila.

Relacionamento com a Família

Depende, tem guarda que conversa sem nenhuma intenção(sem interesse de dinheiro enfim), mas outros, gostam de tratar mal, aí resolvem dá geral (revista) de forma muito agressiva. Acham que mulher de vagabundo é vagabunda, e a maioria das mulheres são decentes.

Relacionamento com Interno

Depende do guarda e do interno. Acho que temos que ser autoritário, maleável, depende da situação. Tem guarda aqui que diz que faz e que acontece, mas na hora do aperto, o bicho pega. O guarda aqui faz muito inimigo, mas faz porque quer, porque nós tiramos cadeia juntos, tem que ter jogo de cintura. Tem preso que provoca, mas fala coisa

que é verdade. Eles dizem que nós somos assim porque estamos lá dentro, mas que lá fora seria diferente.

Quando preso fala dessa forma eu entendo, mas tenho que tomar atitude, porque senão ele vai achar que estou com medo. Bater sou contra, prefiro dar uma queixa disciplinar. Agora, malandro que tem consciência legal contorna as coisas. Frente de cadeia (chefes) em geral tratam bem os guardas.

Contribuição da Família no Processo de Encarceramento

Acho que é só dar carinho.

Significado da Prisão

É o lugar que deveria corrigir aqueles que erram.

Visão sobre a Unidade que Trabalha

Eu acho aqui uma das melhores cadeias, a união dos presos facilita nosso trabalho. Eles se tornam mais fortes, mais organizados e isso faz com que fique mais fácil lidar com eles. Agora, tem guarda que dá até pena de ver, a maneira dele agir.

Tem outros guardas que são puxa saco da administração e que conseguem tudo.

Definição do Trabalho do Guarda

Hoje, na realidade não fazemos nada de bom, só vigiamos.

Guarda 5 - 17 anos na unidade - 22 anos no sistema

Significado da Família

É o mais importante que temos

Representação da Família para o Interno

Apoio

Representação da Prisão para a Família

Prisão é um castigo para ela também, só que as famílias acham que é um castigo indevido, uma injustiça contra seu parente.

Representação do Parlatório

Preso mais calmo. O comportamento não muda, só fica mais calmo. Se a sociedade espera que o contato do preso com a família vai fazer com que ele se ressocialize, está muito enganada.

Acho que o parlatório tem outra finalidade, acabar com o vício homossexual, não de todos, mas daqueles que tem mais consciência de si mesmo. Só que tem muita gente recebendo sem merecer.

Representação do Parlatório

Para mim é um encontro sexual e não encontro fa

miliar, não tem controle, entra gatos e baratas, tinha que acabar.

Rotina em Dias de Visita

Não muda é quase a mesma.

Segurança em Dias de Visita

A cadeia fica mais tranqüila, com relação a segurança pouco muda.

Relacionamento com a Família

Naturalmente o guarda se coloca na posição de atender com educação, mas se a visita chega agredindo, ele tem que reagir, tudo depende do estado que a visita chega.

Relacionamento com o Interno

De um modo geral é de acordo com o estado emocional que o preso se encontra, por isso é de altos e baixos, e o guarda oscila, se o preso trata com educação, o guarda também trata. Um não quer perder para o outro. Tudo gira em torno dos altos e baixos dos presos e dos guardas. Os presos vêm o guarda como inimigo.

Contribuição da Família no Processo de Encarceramento

Acho que ela contribui dando apoio, mas muitas vezes ela contribui trazendo mais problemas.

Significado da Prisão

Castigo

Visão sobre a unidade que trabalha

Ultrapassada, toda a estrutura física e disciplinar (desde o momento que todos os homens entopem os cadeados, não há disciplina. o que eles fizeram foi um motim contra o regulamento). Não há nenhum controle da massa carcerária. Hoje, preso não quer o confere . Isso aqui está caminhando para uma Ilha Grande. Entupiram o cadeado e nada sofreram.

Definição do Trabalho do Guarda

Em geral compete só a vigilância. o que o guarda acha não é ouvido, quem decide é o alto escalão.

Guardas Diaristas - Seção Administrativas

Guarda 6 - 2 anos de trabalho

Significado da Família

É carinho, é amor

Representação da Família para o Interno

Tudo é o ponto de ligação com o mundo externo. Representa um fator preponderante na ressocialização do inter

no. Tem algumas famílias que precisam saber disso, porque não dão atenção e apoio que o interno precisa. No momento que o cara é preso e é abandonado, ele fica desesperado. Às vezes vejo um interno sem família brincando com filho de outro interno. Eu fico com pena de ver o cara tão sozinho. É vital o apoio da família.

Representação da Prisão para a Família

A princípio, se o cara vem de um ambiente muito pobre, vivendo num meio muito marginal, e desde cedo começa a fazer bicos, a família já vai se preparando aos poucos, mas de qualquer maneira é um choque.

Representação do Parlatório

È importante, porque significa ter carinho. Além da satisfação emocional e biológica, diminui estrupo e agressão física.

Até para a cadeia é muito bom. Quando tem dormida, não há confusão, não se coloca em risco a família.

Representação do Jupirão

É prêmio. O objetivo é premiar todo o coletivo.Se a cadeia está tranqüila, ela é premiada. Pode acontecer até mais de uma vez por mês, mas é perigoso, porque tem um lado de promiscuidade. Entra travestis e mulheres sem exames.

Rotina em Dia de Visita

Não altera, o que altera é a revista

Segurança em Dias de Visita

Fica mais tranqüila. Calma é o que reina. Diminui sensivelmente o risco de violência e de rebelião.

Respeito à família, é lei de cadeia. O interno que não respeita samba. Esse respeito veio com a organização deles. Houve a separação de falanges, e o pessoal da lei de segurança (assaltantes de banco, isso nos anos 70) se organizaram e formaram a Falange Vermelha. E com isso há respeito entre eles, e com relação às famílias. Bem como foi surgindo a consciência de que eles organizados cosneguiram mais coisas. Aqui é o pessoal da Falange Vermelha. De qualquer maneira, o corpo de segurança tem que está atento, porque podem aproveitar da calma.

Ficam aqui com as famílias dias direto, como os 4 dias de Carnaval, Natal e Ano Novo e nada acontece.

Para nós é uma tranqüilidade.

Relacionamento com a Família

O contato com a família é feito basicamente com os guardas, administração pouco contato tem. Exceto quando tem algum problema. Agora, há guardas que abusam do direito que lhe é dado.

A grande maioria das famílias vêm o guarda como

inimigo e muitos guardas também tratam as famílias como inimigos. Às vezes o tratamento dispensado é muito negativo. A própria função por si só é antipática. O guarda tem o papel de repressor, cumpre o regulamento, são representantes da administração. Por exemplo às vezes recebemos uma ordem de cima para não deixar uma pessoa entrar e temos que impedir à entrada.

Relacionamento com o Interno

Dependendo do funcionário e do preso. Eu me dou bem com eles, sou muito respeitado, converso, brinco e eles nunca me faltaram o respeito.

Eu conheço as malícias de preso, quando estão me falando alguma coisa e vejo que tem coisa escondida, eu digo para eles, e mando me contar outra história. Tanto que tem interno que fala que não adianta mentir para mim. Eu respeito eles como pessoa e por isso eles me respeitam.

É na hora do perigo que se vê quem é respeitado e querido. Isso não quer dizer que se for o único obstáculo na frente deles, eu não vá dançar, porque nós não podemos prever o que vai acontecer num momento de tensão. Um cara justo, em geral, corre um risco muito pequeno. O guarda que abusa do seu direito, na hora de uma rebelião se acertam as contas.

Antigamente, o pau comia toda hora. Agora as coisas estão mais controladas. Acho que isso se deve ao fato de ter entrado no sistema um número grande de guardas no-

vos e com maior esclarecimento. Apesar que muitos deles se contaminaram com os antigos.

Atualmente o castigo não é mais a surda (cela de isolamento sem iluminação, úmida, sem sanitário, sem condições de higiene, com ratos e baratas). Enfim condições subhumanas.

Contribuição da Família no Processo de Encarceramento

Acho que muito dos problemas são que a maioria das famílias não são preparadas. Umas até abandonam. A princípio acho que a contribuição é o carinho.

Significado da prisão

Em primeiro lugar deveria ser um lugar que tivesse uma estrutura de trabalho, educação, com boas condições físicas, que levasse o cara a encontrar uma outra saída para sua vida, para quando acabasse de cumprir sua pena, saísse do crime.

Visão sobre a Unidade que Trabalha

Hoje eu acho que apesar de tudo e de toda as carências, ela é modelo dentro desse sistema. O clima de trabalho com internos, eu acho bom. Os internos daqui são bem organizados, sabem o que fazem. Tem guarda aqui que acha o oposto.

É uma cadeia tranqüila, tem casos de rebeldia, mas são esporádicos. As celas castigos (celas isoladas do restante, inclusive num andar isolado. Lembram as masmorras) estão geralmente vazias. Houve mudança de mentalidade. Hoje para ir para o castigo, vacilou muito, como se diz na gíria da cadeia.

Definição do Trabalho do Guarda

Manter a disciplina, a vigilância percebe o clima da cadeia. Há guardas que chegam aqui e acham que a cadeia está nervosa, no entanto está calma. Às vezes ela está calma e tem um vulcão para explodir. Não é preciso tocar alarme para que ela não exploda. Basta ter jogo de cintura, habilidade, saber conversar.

Guarda 7 - 6 anos

Signifiado da Família

Acho que a família é carinho e apoio. É não estar só.

Representação da Família para o Interno

É apoio nessa hora de cumprimento da pena. Esse apoio pode ser espiritual e material.

Representação da Prisão para a Família

Acho que é um pequeno choque. Em geral, a família já espera e algumas compactuam com o crime. Sabiam de tudo que faziam, e às vêzes até ajudavam. Eu acho que para muitas famílias, a prisão é uma perda por causa da perda financeira. o próprio meio, as necessidades que sofrem, o cara, desde pequeno, vai se acostumando. Depois, com o tempo, a família se adapta bem aqui.

Representação do Parlatório

Satisfação fisiológica, evita o homossexualismo. Sou contra a forma que é feita. Há cara que comete um delito grave e não perde o parlatório. Não há punição para certos caras aqui dentro. Enquanto um "caído" (preso abandonado, sem prestígio) perde e o que tem fama não. Acho até que cria animosi

dade entre eles. Mas é bom, o cara junto com a família fica mais calmo.

Representação do Jupirão

È a possibilidade de todos os homens, terem suas necessidades fisiológicas satisfeitas. Mas acho que corre muito solto. Eu faria a coisa da seguinte forma: cadeia de parlatório para presos com comportamento excelente e cadeia sem bom comportamento. Para chegar até o parlatório ele teria que passar por uma série de etapas. Jupirão é oficioso, não é legal. É uma forma de negociar a calma. Acho que é uma forma errada de conseguir a calma. Porque negociar? Não se tem nada para negociar. O jupirão é uma faca de dois gumes porque tem elementos que tinham que ter castigos fortes e recebem castigo de mãe, como filhinho que fez malcriação. Não lhe é tirado nada. Vem meninas aqui, no jupirão, que são encomendadas. Recebem dinheiro, brizola, maconha. O jupirão favorece a prostituição.

Rotina em Dia de Visita

Fica tudo muito calmo em respeito às famílias.Isso na teoria, mas na prática depende. Já aconteceu fuga, com violência, em dia de visita. É raro mas pode acontecer. Não muda muito, exceto nos horários de entrada e saída. Em dia de jupirão são quase duas mil pessoas e o número de guardas é o mesmo. A noite só com parlatório volta tudo a normalida

de, como de praxe. O problema é a entrada e a saída.

Segurança em Dia de Visita

A segurança tem que aumentar sensivelmente. Mas não interfere negativamente.

Relacionamento com a Família

Varia muito porque depende da educação de cada um (ambos, guarda e família), devido à situação sócio-econômica' das famílias. Em geral, são mal educadas, bastante por sinal. Não se consegue, num nível normal, travar um diálogo. Tem mulher que fala de maneira vulgar. E as famílias tem um perfil traçado do guarda, como a pessoa que impede o direito de ir e vir de seu parente. o guarda é o inimigo número um.

Relacionamento com Interno

Não considero como um dos melhores. Na grande totalidade dos internos, eles não tem noção de respeito. Sua formação de caráter é deformada, errada, não sabe o que é respeito (e a família é do mesmo meio). O respeito é pelo que tem mais poder, é por aquele que mata mais.

A gente tem que ter moral, não podemos deixar que o interno chegue nos batendo, não podemos deixar que o pau coma na gente. A calma tem que ser mantida constantemente. É óbvio que não podemos ter atitudes emocionais, se não, não dá.

Contribuição da Família no Processo de Encarceramento

Só apoio. Eles se entendem, são do mesmo nível. A maioria não tem mais jeito. Porque até nós trabalhadores temos que lutar muito. Eles quando saem, acabam voltando. As chances deles já eram pequenas desde que nasceram. A maioria da massa carcerária é negros e pobres. Não tem jeito, porque a própria família é conivente, ela participa, ela tira proveito de tudo.

Significado da Prisão

Lugar que se paga pelos erros

Definição do Trabalho do Guarda

Vigiamos

Funcionários em Cargos de Chefia

Chefe 1 - 7 anos na unidade

Significado da Família

A família é muito importante

Representação da Família para o Interno

Ameniza o sofrimento

Representação da Prisão para a Família

Significa a pior coisa. As pessoas quando visitam pela primeira vez, saem chorando.

Representação do Parlatório

Muito bom, se pudesse estenderia a todos os pavilhões . Em troca eu pediria disciplina. A família ela dá um pouco de carinho para eles.

Representação do Jupirão

Não concordo. Porque tem pessoas que não tem nada com o preso. Mulheres da vida, que vem fazer programa aqui dentro. Elas não passam por exame nenhum e acaba contaminando todo mundo.

Prisão em Dia de Visita

Não aumenta o trabalho. O dia que tem visita, as horas passam mais rápidas. Até tem que se fazer revista e ter mais vigilância, mas por outro lado quebra a rotina diária do nosso trabalho.

Segurança em Dia de Visita

Quando a família está aqui, a cadeia não tem problemas. Não tem perigo de fuga, nem de rebelião. Há uma lei

entre eles que não pode acontecer nada, quando há familiares. Quando querem fazer procuram estar longe deles.

Relacionamento com a Família

Particularmente não acho que tem bom relacionamento. A maioria delas acham que fomos nós que prendemos o seu familiar, nós é que botamos de castigo. Nós é que não prestamos e eles são uns santinhos.

Agora os guardas são instruídos para terem o máximo de paciência.

Relacionamento com o Interno

Até 2 meses atrás (mudança de Diretor. A maioria dos guardas estavam revoltados, por achar que esse novo Diretor estava tratando muito bem os presos) era muito bom. Agora é uma indisciplina só mas vai melhorar quando reativarem as celas castigo. Agora elas estão lá paradas.

Contribuição da Família no Processo Carcerário

Apoio. Eles ficam mais calmos.

Significado da Prisão

Lugar de correção

Definição do Trabalho do Guarda

Os guardas se tivessem salários dígnos, se dedicariam mais. Atualmente do jeito que as coisas estão aqui dentro, eles não tem motivação para fazer nada. Atualmente só vigia. Acho que o guarda mantém a integridade física do interno. Sou contra as atitudes de violência do guarda. Mas você sabe como é, tem guardas que querem disciplina mais rápido.

Visão da Unidade que Trabalha

Não é um bicho de 7 cabeças. Hoje não tem disciplina, está uma zona. Antigamente não saia nenhuma notícia em jornal sobre a Milton Dias. Hoje ela virou manchete. É preso dando entrevista enfim. Mas com jeitinho ela vai entrar nos eixos novamente.

Chefe 2 - 20 anos na unidade

Significado da Família

É importante para todo mundo

Representação da Família para o interno

Apoio, é tudo em termos de ajuda. Não tem ninguém melhor para dá apoio.

Representação da Prisão para a Família

O impacto é terrível. Imagine o impacto que não é

para as crianças.

Representação do Parlatório

Satisfação sexual, os filhos é que se virem. Ficam soltos por ai.

Representação do Jupirão

É uma bagunça. É um prêmio para preso sem comportamento, sem disciplina.

Rotina em Dia de Visita

Só tem mais trabalho

Segurança em Dia de Visita

Estamos numa cadeia, onde os presos pensam de diversas formas. Um homem livre já é perigoso. Que diria um homem preso, mas acho que aparentemente traz segurança.

Relacionamento com a Família

Não é bom. Elas não tratam bem a gente. São que nem eles.

Relacionamento com o Interno

É péssimo. Tem que cumprir os direitos dos presos

Só que esse direito é aquilo que ele quer. E assim o guarda também tem que fazer o que ele quer.

Contribuição da Família no Processo de Encarceramento

A família não tem condições de ajudar. A única coisa que poderia corrigir é a família longe. O cara só ficaria perto da família se merecesse.

Significado da Prisão

Onde o cara que matou, que roubou, tem que ser corrigido.

Definição do Trabalho do Guarda

Vigiar para não deixar ter fugas.

Visão sobre a Unidade que Trabalha

Hoje não tem regras, está sem limite.

Chefe 3

Significado da Família

É o principal de nossas vidas.

Representação da Família para o Interno

Pode ser o bandido que for, mas a família é tudo, é intocável.

Representação do Parlatório

Possibilita que o homem preso se sinta pai, se sinta chefe da família.

Representação do Jupirão

O jupirão não é só sexo, como muitas pessoas falam. Mas ele possibilita que o interno sem parlatório, também conviva com sua família em sua cela.

Rotina em Dia de Visita

Não muda nada.

Segurança em Dia de Visita

Fica melhor,a tensão nervosa do interno com a família diminui.

Relacionamento com a Família

Depende do guarda e da família. Mas deveria ser bom, porque nos fins de semana, o cubículo é a casa dele e de seus familiares.

Relacionamento com o Interno

Tudo depende do respeito.

Contribuições da Família no Processo de encarceramento

Só deixa os internos mais calmos.

Significado da Prisão

Lugar que deveria corrigir o indivíduo marginal.

Definição do Trabalho do Guarda

Ajuda nessa correção

Visão sobre a Unidade que Trabalha

Nós aqui não temos muitos problemas . Dá para se levar no papo.

3.2 - A FAMÍLIA NO CÁRCERE

As famílias que convivem num determinado contexto social, com seus códigos e normas específicas, passam a se inserir em um novo mundo permeado por uma ordem diferente do seu dia-a-dia. Penetram num universo codificado em um sistema simbólico marcado por mecanismos de regulações, convivendo tanto com a vida social do mundo extra muro como com a ordem carcerária.

As famílias, emquestão, situam-se na confluência dessas duas ordens. Interagem com dois contextos sociais e o processo interativo, que flui na relação família-sociedade, ocorre também no interior da penitenciária.

O encontro familiar assume, nesse contexto, dimensões importantes. A ida à cadeia não significa apenas a visita de um parente preso, mas tem conotações maiores no que tange às relações familiares.

O dia-a-dia dessas famílias longe da prisão é marcado pela expectativa do fim de semana. Todo um ritual acontece em cada visita. Alimentos são comprados e comidas são preparadas. Saem de suas casas em geral situadas em locais muito afastados da penitenciária, para o encontro semanal carregadas de pacotes. Por outro lado, os cubículos (celas individuais) também são preparados para receber as famílias.

ESPOSA: - Vamos passar os quatro dias de carnaval juntos. Já comprei roupa para a S. (Filha de 11 anos) e a K. (filha de treze anos) vai para a casa do N. (ele esteve preso com o meu marido muitos anos). Vou comprar um bermudão para ele e vou fazer um pernil assado, arroz de forno, salada e pastel. Vou levar tudo que ele gosta. Vai ser um barato; todo mundo tem que estar bonito (sua expressão era de euforia).

Os preparativos que antecedem às visitas refletem o grau de importância que assume a família no espaço carcerário.

A prisão do marido, do pai, é a prisão de todos. O sofrimento da separação,provocada pela prisão, é acrescido do sofrimento que a própria estrutura carcerária produz. O sofrimento não se produz apenas na ausência, na privação da convivência constante, mas também no medo da morte. Medo de ver o marido morto por um outro interno, por funcionários ou mesmo por rebelião. As famílias sabem que a estrutura prisional é muito instável e estão conscientes que podem ocorrer mortes a qualquer momento. Conhecem os perigos do cárcere, sabem que a tensão carcerária pode aumentar de forma a gerar grandes modificações. Voltam para a casa, no final de cada visita, sem se desvincularem do cárcere. A cadeia está incorporada ao seu dia a dia; cumprem a prisão juntos, sofrem os males do encarceramento fazendo com que este mundo dos segregados seja o seu mundo.

INTERNO 3: - Elas não têm sossego. Quando estão aqui, estão felizes mas, presas. Quando estão lá fora estão todo o tempo pensando na gente. Elas sabem o que é uma cadeia. Hoje está tudo calmo e de repente pode virar tudo.

O sofrimento causado pelo encarceramento é uma questão comum em todas as famílias, independente do padrão de relacionamento familiar mantido anteriormente. Há um sentimento comum de que o cárcere os une ainda mais. A dedicação, principalmente das esposas, expressão do afeto, é traduzido pelos internos como "eu sou amado, eu sou importante", afastando, por sua vez, o "fantasma do abandono" que rodeia o cárcere.

Para os internos as esposas são livres para deixá-los, mas optaram por ficarem juntos, o que aumenta a valorização dessas esposas. O não ser abandonado reflete a aceitação pela família. São aceitos apesar de "serem criminosos", apesar de seus erros. A confirmação de que são amados permite que a auto-valorização (que está muito vinculada ao reconhecimento, dentro do mundo do crime) seja transportada também para a esfera familiar. A rejeição da sociedade, a desvalorização desses indivíduos enquanto pessoas é atenuado pelo amor que recebem da família. A família, nesse contexto, é o lugar onde está ancorado o afeto e o reconhecimento enquanto indivíduo "não marginal."

REPRESENTAÇÃO DA PRISÃO PARA A FAMÍLIA		
INTERNO 1	-	Sofrimento
INTERNO 2	-	Sofrimento carrega 50% da cruz
INTERNO 3	-	Sofrimento, humilhação
INTERNO 4	-	Horrível sofrimento
INTERNO 5	-	Sofrimento
INTERNO 6	-	Terror
INTERNO 7	-	Coisa negra, ruim
INTERNO 8	-	Último degrau, é ruim

O peso do cárcere é grande para as famílias, não somente pela ausência do marido, do pai, mas pelos problemas advindos da prisão: dificuldades financeiras, a discriminação que sofrem e a conseqüente marginalização. Algumas famílias estudadas omitem a prisão em seu círculo social. Ou optam, em certos casos, pelo isolamento.

O sofrimento imposto a essas famílias é apontado como fator gerador de uma nova concepção acerca do significado da família, bem como sua importância. A vivência do sofrimento, exposto em cada um de seus familiares, a dedicação destes, e mais a necessidade afetiva produzida pelo encarceramento, aumenta a valorização e o respeito com relação à família

REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA	
ANTES	NO CÁRCERE
INTERNO 1 - Não tinha muita responsabilidade	Representa tudo
INTERNO 2 - Não valorizava muito	Base de tudo
INTERNO 3 - Tudo	Tudo, só mais amor
INTERNO 4 - Tudo	Estímulo para nova vida
INTERNO 5 - Razão de viver	Aqui é tudo, agora mais afeto.
INTERNO 6 -	Fibra, força para aguentar
INTERNO 7 - Sem vivência com uma família.	Máximo, tudo
INTERNO 8 - É tudo	Não mudou

O sentimento da família é descoberto no cárcere, na maioria dos entrevistados. Para alguns, o cárcere favoreceu sua (da família) constituição. Ao viverem o sofrimento e as necessidades de seus familiares, descobrem um suporte capaz de minimizar a dor do confinamento.

Um novo valor e uma nova concepção se originam da necessidade afetiva e do apoio que recebem. A convivência mais intensa, o papel do pai e marido, não eram bem assimilados e tão pouco valorizados. A estrutura familiar, antes do encarceramento, era marcada, em sua maioria, pelo

afastamento constante da figura masculina. A vida marginal, na visão dos entrevistados, é um fator predominante deste afastamento. A necessidade de viverem foragidos,a importância da proteção à família e o desconhecimento da vida marginal por algumas esposas, são fatores apontados para esse distanciamento. Outro aspecto, era a vida da farra, das mulheres, que reduziam, ainda mais, os contatos familiares. Eram contatos muito esporádicos.

Nesse contexto, a mulher voltava-se para a casa, para os cuidados com os filhos, para a esposa do marido freqüentemente ausente. A ausência constante da figura masculina desencadeava forte expectativa nas esposas. Ora viviam as ausências, como traição, ora com o temor de terem sido mortos em conseqüência de suas atividades. A volta do marido à família possibilitava às esposas extravasarem suas angústias vividas durante as longas ausências. Desta forma, a relação se desenvolvia em cima de fortes conflitos. Este era um dos aspectos que permeava a estrutura familiar dos detentos.

> INTERNO 1: - Desde que casei, família representa tudo; só que não tinha nenhuma responsabilidade e não dava os cuidados que hoje acho importante.

> ESPOSA 1: - Ele só ia em casa trocar de roupa,era cheio de amantes. Ele antes aprontava muito e eu ficava cuidando dos filhos. Hoje sei que além das amantes ele não ia para casa porque estava envol

vido com assalto. Hoje estou com ele porque ele descobriu que não só nós precisamos dele, mas ele da gente.

INTERNO 2: - Eu sempre gostei da família, mas não valorizava.

INTERNO 6: - Eu não tinha família, era um largado. Só depois que casei é que fui ter uma família, mas não tinha tempo para ficar com ela. Com a prisão descobri sua importância.

A estrutura marginal, como causa da ausência familiar desses homens, recebe conotações diferentes em outros internos entrevistados. A vida marginal, a vida voltada para o crime, não impediu sua participação na estrutura familiar. A importância da família já existia antes do cárcere, não houve alteração em sua representação com a prisão. Surgiu, com o cárcere, mais respeito e afeto.

Identificamos dois modelos de configuração familiar nessa amostra: um em que a figura paterna era significativa e atraente antes do cárcere e outro, cuja estrutura familiar tinha como figura central a mulher e à figura masculina, sempre ausente, cabia o sustento econômico.

No grupo em que a figura central era a mulher, com a prisão do marido as modificações no relacionamento familiar foram intensas. A incorporação do pai-marido gera uma rearrumação na estrutura familiar, tornando-se peça central, a par

tir do qual a família se percebe como grupo. Apesar de o homem continuar ausente no dia-a-dia, o cárcere veio concretizar esta ausência de modo diferente. o cárcere, que ao mesmo retira do convívio familiar estes homens, possibilita que, nestes, haja um reconhecimento da importância da família a partir do sofrimento causado a cada um dos familiares. Aproxima-os cada vez mais dos filhos e esposa.

A família se reestrutura e no interior do cárcere, o pai-marido aparece como membro de destaque. O padrão de relacionamento anterior dá lugar a uma nova concepção do papel que desempenha a família para o indivíduo.

O sentimento gerado pelo encarceramento do marido, do pai, de certa forma, assume dimensões ambíguas. Por um lado é sofrimento por outro, é a possibilidade da família se integrar e se constituir como tal.

> INTERNO 1:- Aqui eu aprendi a querer estar com minha mulher e com meus filhos. E parece brincadeira, agora entendo a responsabilidade de pai. Outra coisa, aqui minha família não corre perigo; por incrível que pareça está mais protegida. Lá na rua, comigo solto, ou era a polícia atrás de mim ou era um inimigo.

> ESPOSA 1:- Depois da prisão, no início vinha visitar ele e conversava muito sobre nossa vida. Aos poucos fomos amadurecendo, ficando mais próximo.

O que é o destino! Só na prisão consegui o que sempre quis, ter meu marido.

Nas famílias em que as relações familiares fluiam de modo mais integrado, pai-mãe-filhos-marido-esposa, verificamos que a prisão, realmente, causou uma ruptura no núcleo familiar. A figura do pai, do marido, foi tirada e a perda sentida foi intensa. Nesses casos, a família teve que se reorganizar em virtude da ausência, que antes não existia. As relações se alteram de forma a se readaptarem a essa nova realidade. O pai-marido presente deixou de existir no dia dia. O papel da figura masculina foi deixado vago. A resignação surge gradativamente nessas famílias e os vínculos afetivos se tornaram cada vez mais fortes.

ESPOSA 3: - Eu fiquei muito desesperada. Nós, apesar da vida dele, éramos muito unidos. Viemos para o Rio juntos e sofremos juntos. Isso nos uniu. Quando foi preso, fiquei completamente sozinha com meu filho mais velho, até que fui me acostumando. Eu ainda sofro, mas agora espero a saída dele.

INTERNO 3: - Eu nunca fiquei longe da minha família. Fui preso. Fugi um ano e meio. Sai do Rio e eles sempre comigo.

Nesse novo contexto, onde as relações familiares

adquirem nova configuração, a figura paterna em todas famí - lias passa a ter significado super-estimada e muito valoriza da. Em geral, ao pai cabe somente o afeto. A mãe educa, cui da do dia dia, aplica punição. A divisão de autoridade, no que se refere aos filhos, inexiste, geralmente fica concen - trada na mulher. o pai é, em geral, permissivo, busca o diá- logo, o entendimento. Evita o conflito, aproveitando o pouco tempo da visita.

Os internos apontam para alguns fatores que geram suas condutas: (a) o afeto não recebido de seus pais e o me do que seus filhos vivenciem a mesma situação; (b) a necessi dade financeira; (c) o sofrimento que sentem terem causado aos filhos e (d) o ambiente prisional hostil.

> INTERNO 7: - Eu nunca fui filho, desde os sete a nos vivi só. Meus filhos têm que se sentirem fi lhos, amados. Faço tudo por eles.

		REPRESENTAÇÃO DOS FILHOS
INTERNO 1	-	Tudo
INTERNO 2	-	Jóia mais rara
INTERNO 3	-	Tudo que tenho na vida
INTERNO 4	-	Minha metade
INTERNO 5	-	Representa carinho
INTERNO 6	-	Muito importante
INTERNO 7	-	Extensão do homem
INTERNO 8	-	Continuação da família

REPRESENTAÇÃO DO PAI

ESPOSA 1	-	É tudo, um ídolo
ESPOSA 2	-	Paixão
ESPOSA 3	-	Muito amor, muito respeito
ESPOSA 4	-	Uma mistura de pai e ídolo

Os filhos estão no nível do sagrado para esses homens. O afeto dirigido a eles, é intenso e todos os momentos de convivência no cárcere são vividos de forma a criar uma situação de aconchego entre pai e filho. O filho na estrutura prisional, representa um elo com a vida, um elo com o mundo fora do crime.

O sofrimento que sentem nos filhos intensifica sua dor pelo encarceramento. A maioria dos entrevistados aponta que os filhos, mais que as esposas, sofrem as conseqüências de sua vida marginal, sendo obrigados a conviverem num meio perigoso, cruel, aprendendo o que não deveriam. Mas a presença dos filhos é imprescindível para esses homens. Há a percepção de que a prisão é um lugar nocivo para a criança mas, ao mesmo tempo, há desejo de estarem perto o mais que possível dos filhos. Existe o medo do abandono, o medo de que os filhos não queiram mais visitá-los na medida em que o sofrimento do cárcere é grande; estar dentro de uma cadeia, mesmo que só no fim de semana, significa dor. Além disso, assinalam para a humilhação que sofrem pelo pai preso. O peso do cárcere é grande para essas crianças.

INTERNO 5: - Estou preso há cinco anos. Tenho um filho que toda vez que vem aqui fica num canto chorando baixinho. Ele nunca conseguiu se acostumar.

ESPOSA 1: - Meu filho de nove anos gosta muito do pai, mas não suporta ir à cadeia. O pai quando ele vai lá, faz tudo para agradar, mas não adianta. Ele vai acabar esquecendo o pai. Já os outros quando não vou, morrem de paixão.

Para os internos, os filhos têm que ser muito bem recebidos, o pai tem que estar muito próximo, demonstrar o seu amor, para que não se afastem. De certa forma, a permissividade desses homens, após o encarceramento, justifica-se pelo medo de perder o pouco convívio que ainda possuem.

INTERNO 5: - Sempre fui um pai de fazer tudo. Por que agora não vou fazer?

INTERNO 4: - Sempre fui durão. Mas agora, quando ele quer alguma coisa, ele vem primeiro a mim. Meu filho é o que tenho de mais importante.

INTERNO 3: - Eu converso muito, dou muito conselho, eles me respeitam muito. Dou tudo que eles querem, meus filhos têm que ter o que eu não tive.

O sentimento de falta está presente em todos os internos. A falta de amor, a falta de condições de vida, a falta de projetar um futuro satisfatório. O desejo desses homens é propiciar aos filhos o que eles (os internos) não tiveram. A preocupação com o futuro é uma temática comum. Desejam uma educação para os filhos capaz de mantê-los afastados do mundo do crime, mundo no qual já estão inseridos.

As idas constantes à cadeia, a convivência maciça com o meio marginal, favorecem no sentido de que muitos valores que rodeiam a criminalidade sejam internalizados por essas crianças. A interação desses filhos com a cadeia é grande, e circulam livremente num espaço que já lhes é familiar. A prisão faz parte de seu mundo.

A relação pai-filho se desenvolve, em alguns casos estudados calcada na figura do "pai-herói". O pai marginal é traduzido como valente, corajoso. Essa imagem, do homem valente, macho, por sua vez, está entranhada na estrutura marginal. Todos esses fatos citados acima, a indefinição com o pai-herói, necessidades sócio-econômicas e o contato direto com o mundo marginal, podem ser fatores que interrompem os anseios do pai, que deseja que os filhos não sigam seu exemplo.

> INTERNO 4: - Quero meu filho fora dessa vida, tanto que ofereceria ficar longe dele para que não convivesse com isso aqui. Meu pai foi presidiário, mas não é por isso que entrei no crime.

ESPOSA 1: - Eu trago meus filhos aqui sem problema. Apesar de ser um lugar horrível, acho que os filhos convivendo com o pai preso e com os amigos deles vai assimilando o quanto a prisão é ruim.

Por outro lado, a criminalidade pode ser incorporada como meio de vida. A infração que gerou o aprisionamento é desqualificada pelos filhos. O peso da condenação recai na ausência do dia-a-dia e na separação. O peso do encarceramento pode ser sobreposto pelo processo de identificação com esse mundo marginal.

INTERNO 2: - Eu tenho uma filha, a do meio, que já acha que as coisas têm que ser ganhas fácil. Tanto que ela disse para mim que vai arrumar um marido rico e a gente arma para ele morrer. E ela pode dar vida boa para mim e para mãe. Enquanto isso, a mais nova sonha com minha saída daqui levando uma vida de trabalho igual à do vizinho dela. A mãe fazendo marmita para mim às 5 horas da manhã. O menino diz que quer ser eletricista e trabalharmos juntos. A do meio é que já pegou a malícia.

O marginal-pai-herói transforma-se num indivíduo apto a se integrar num grupo social mais amplo, e incorporado ao dia-a-dia da estrutura familiar. É um forte desejo que faz parte de algumas famílias estudadas. Nessas famílias a falta, a ausência é sentida e identificam o motivo

de sua dor, o crime.

> INTERNO 4: - Meu filho vive pedindo para eu sair daqui e nunca mais voltar. Mas isso não é só por causa da minha falta. É a educação que minha esposa dá a ele. Eu evito que ele fique andando sozinho na cadeia.

A necessidade intensa de convivência com a figura paterna norteia a relação pai-filho. O desejo é o de estar sempre junto com o pai. Esse mesmo processo ocorre com os internos que anseiam estar próximos dos filhos e da esposa que nesse contexto assume conotações de extrema importância.

A mulher assume funções diversas. Educa e cuida dos filhos, agiliza tudo que diz respeito à parte jurídica relativa ao processo do marido, divide as angústias do cárcere, além de viver o momento da tensão carcerária.

> ESPOSA 2: - Eu não tenho ninguém que me ajuda. Todos ficaram contra mim. Se ele estivesse aqui fora tudo seria melhor.

> ESPOSA 1: - É muito difícil criar seis filhos sozinha, num lugar violento como esse que moro. Um homem do lado faz muita falta. Sou tão presa quanto ele. Minha vida é daqui para a cadeia e da cadeia para casa.

A cadeia do marido é a sua prisão. A mulher dedica seu tempo aos filhos e ao marido encarcerado. Atua de forma a suprir a ausência da figura paterna e a minimizar os efeitos do confinamento de seu marido. Está sozinha para viver sua angústia, sozinha para carregar uma intensa carga sobre si.

REPRESENTAÇÃO DA ESPOSA		
INTERNO 1	-	É muito importante
INTERNO 2	-	Amiga, mãe, esposa, mais que esposa
INTERNO 3	-	Tudo, marido, esposa, mãe
INTERNO 4	-	Pai, mãe, namorada, companheira
INTERNO 5	-	É tudo, preenche esse vazio
INTERNO 6	-	São Amélias
INTERNO 7	-	É tudo
INTERNO 8	-	É a família, é a casa, é o lar

As esposas dos internos não apenas são mães dos filhos. São também, mães deles próprios. Misturam-se as funções de mulher-esposa, mulher-mãe e mulher-pai. Quando os internos se referem à mulher como mãe, não estão restringindo à mãe dos filhos. Em muito dos entrevistados, é evidenciado que a mulher tem uma representação de mãe em função de aguentar toda a problemática. A figura feminina

está contaminada por este aspecto materno, pois tudo depende dela. Atitude, que muitas vêzes, reflete a situação criada pelo cárcere de deixar o homem incapaz de atuar no mundo externo, bem como assumir o papel de pai e marido. O homem encarcerado fica impossibilitado de atuar no contexto mais amplo, de forma ativa, cabendo à mulher a tarefa de atuar não só por ela, mas também por ele.

Eles reconhecem seu valor e dedicação. Sabem que as esposas são uma figura importante no interior do cárcere bem como o papel desempenhado por elas. Mas admitir sua importância como pai e marido é muito difícil. Assim a atuação da mulher em alguns entrevistados, é bastante desqualificada a tentarem resgatar, dentro do cárcere, a estrutura familiar onde o homem mantém a autoridade sobre a família, a figura do homem como chefe de família. A própria construção social do homem, em nossa sociedade, torna muito difícil ele assumir sua dependência à mulher. Por isso, todas as decisões familiares acontecem sempre após o homem ser ouvido.

> **ESPOSA 1**: - Tudo que faço ele sabe e tem que dar seu palpite. Qualquer coisa ele tem que saber,ele adora dar ordens. Só que tem coisas que eu escuto, outras entram por um ouvido e saem pelo outro.Porque quem está aqui segurando a barra sou eu, então eu é que sei. Mas procuro não brigar, às vezes finjo que concordo.

ESPOSA 2: - Arrumei dois empregos. Ele cismou e não quer deixar eu trabalhar.

O marido precisa reafirmar que é autoridade máximas a quem a mulher deve sujeição. O lar e a penitenciária devem ser lugar de seu enclausuramento. A mulher deve estar voltada para a família, ocupando uma posição de inferioridade. Contudo, a submissão que é imposta à mulher encobre a dependência que o homem passou a ter e a sua importância como figura responsável pela manutenção da família enquanto grupo.

Nas famílias estudadas, somente duas mulheres trabalhavam. Uma delas, não só sustentava os filhos,como também o próprio marido. O restante eram famílias mantidas com recursos da própria vida marginal. A dependência econômica reforça, ainda mais, o desejo do homem de manter seu poder.

Nas famílias em que a mulher tinha uma independência financeira, seu papel era mais nítido. A divisão de autoridade, no que se refere aos filhos, era mais equilibrada. E a valorização e o respeito que o marido dispensava a elas tornou-se maior.

O papel desempenhado por essas mulheres, a interação com o cárcere, é demonstrativo que a estrutura familiar se organiza, tendo como peça básica essas mulheres. A pesar de os homens entrevistados sempre buscarem a submissão da esposa.

O interno 2 teve sua esposa internada no hospi

tal psiquiátrico durante o período em que realizamos a pesquisa. Vivenciou, com muita angústia, essa intervenção; a família se desarrumou, os filhos dispersaram-se em casa de parentes. A família fragmentou-se e o interno viveu um processo que o deixou totalmente fragilizado, a ponto de envolver os outros internos no seu desespero. Todos tinham um só questionamento; o que iria acontecer com a família do interno 2, caso sua mulher não melhorasse. Esta situação permitiu-nos inferir que a figura, submetida ao julgo do marido, é na realidade quem, de certa forma, concentra a força familiar. Sua ausência representa mais uma ruptura em seu núcleo.

Por outro lado, o momento em que se deu a internação coincidiu com a confirmação da liberdade condicional do marido (interno 2).

> INTERNO 2: - Eu acho que ela ficou assim porque está com muito medo. Ela sempre teve medo que eu abandonasse ela quando saisse da prisão.

A família, que convive com o desejo de liberdade durante muitos anos, não resiste quando ele se concretiza. A família em questão nos fornece um outro dado de compreensão. Ela para se estruturar necessita ter um membro preso. No momento em que o homem pode assumir, de modo real, suas funções outro membro o substitui na prisão. Uma outra forma de encarceramento. Mas de qualquer forma a família se concentra em torno da esposa, da mãe aprisionada numa clínica de doença mental.

3.3 - A FAMÍLIA VISTA PELO CÁRCERE

A instituição carcerária, consciente da importância da representação do cárcere, utiliza-se desta como um agente que veicula a ordem institucional e assim, mantém os indivíduos encarcerados, "homens dóceis", desprovidos do desejo de rebelarem-se. Ao mesmo tempo, a família é objeto da ação institucional, ela precisa ser moldada de forma a adaptar-se à ordem jurídica na qual está fundamentada o cárcere. A família é mais uma peça que mantém a engrenagem da máquina-prisão.

Os laços afetivos são apropriados pela instituição. A família, no interior do cárcere, diminui, em muito a forte tensão que permeia a estrutura penitenciária.

> GUARDA 6: - Quando tem visita, não há fuga não há violência. É uma calma só.

> INTERNO - Nossas famílias são analgésicos para eles (administração). Elas diminuem os males daqui de dentro e para eles isso é muito bom.

A tensão carcerária é bastante reduzida durante a permanência das famílias. Há uma ética, que permeia a estrutura dos internos, onde não é permitido que se coloque em risco seus familiares. As tentativas de fugas diminuem, o risco de rebelião praticamente não existe, porque nada disso pode ocorrer em dias de visita.

GUARDA 7: - Respeito à família é lei de cadeia. O interno que não respeitar, tomba.

INTERNO 2: - É de lei, a família tem que ser respeitada. Quem não seguir a lei, o bicho vai pegar.

Preservam a família porque sabem que ela representa um elo com a vida. Preenchem o lugar do afeto, o vazio institucional; permite ao homem encarcerado a possibilidade de constituir projetos futuros da vida.

REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA PARA OS INTERNOS NA VISÃO DOS FUNCIONÁRIOS

GUARDA 1	- Assistência material
GUARDA 2	- Família não é importante, são frios e insensíveis.
GUARDA 3	- Importante para não virar bicho
GUARDA 4	- Apoio, carinho
GUARDA 5	- Apoio
GUARDA 6	- Ressocialização, carinho, assistência
GUARDA 7	- Apoio espiritual e moral
GUARDA 8	- Ameniza o sofrimento
GUARDA 9	- Apoio, ajuda
GUARDA 10	- Possibilidade do homem se sentir chefe da família.

A importância que a família assume, neste contexto, é reconhecida pela maioria dos funcionários entrevistados. Conhecem o significado dado à família. Mas a relação adversa entre eles e os internos faz com que utilizem-se da família para reforçar a relação hostil que há entre si.

> GUARDA 2: - Não tenho nada a falar de preso e a família deles. Não quero saber, é tudo igual,tudo do mesmo saco.

A relação, por vêzes agressiva, entre guarda e preso é transferida para a família. O contato desta com a instituição é feita invariavelmente através dos guardas. Estes assumem a prisão nos fins de semana, o que favorece a criação de suas próprias regras possibilitando que sejam tomadas medidas agressivas com relação à família.

> INTERNOS: - Quebraram a esposa de um companheiro nosso esse fim de semana. Ela estava na fila para entrar e já passava da hora de abrir o posto. Ela reclamou e o guarda respondeu que abria o posto quando quisesse. Ela reagiu chamando-o de recalcado. Imediatamente o agente e seus colegas partiram para cima dela e deixaram toda quebrada.Ela foi para o exame de corpo delito por ordem do diretor. O problema é que esse novo diretor é legal com a gente e eles (os guardas) estão com muita raiva disso.

GUARDA 2: - Nós tratamos muito bem as famílias(com ar de deboche). Dançamos conforme a música. Se nos tratam bem, tratamos também. Caso contrário, fazemos igual (risos).

GUARDA 7: - As famílias, em geral, são mal educadas, bastante por sinal. Não se consegue, num nível normal, travar um diálogo. O guarda é o inimigo número um da família.

Os guardas vêm na família uma maneira de atingir seu alvo, o preso. Sabem que dificilmente um interno não reagirá quando souber que sua família for maltratada, humilhada.A reação do interno é desejada pelos guardas, porque assim podem desencadear uma série de atos punitivos.

O tratamento dado à família, pelos guardas denotam que esta é um instrumento institucional importante para atenuar a tensão carcerária, e, ao mesmo tempo, é humilhada no interior da estrutura penitenciária. A família está entre a necessidade institucional de utilizá-la, em virtude de sua importância afetiva, e o desprezo da instituição, pois é vista como uma continuação do indivíduo marginal.

Os guardas, apesar de perceberem a importância familiar, reduzem o parlatório a encontro sexuais. A maioria não reconhece o parlatório como forma de os internos estarem próximos do afeto de seus familiares.

REPRESENTAÇÃO DO PARLATÓRIO NA VISÃO DOS FUNCIONÁRIOS

GUARDA 1 - Sexual (é bom, quem não gosta?)

GUARDA 2 - Não tenho nada a falar

GUARDA 3 - Elo com a família

GUARDA 4 - Estravasar o sexo

GUARDA 5 - Acaba com vício homossexual

GUARDA 6 - Carinho, satisfação emocional e biológica

GUARDA 7 - Satisfação fisiológica, evita homossexualismo.

GUARDA 8 - Possibilidade de carinho

GUARDA 9 - Encontro sexual

GUARDA 10 - Carinho

Quando alguns guardas reduzem a visita íntima a uma satisfação sexual, estão, de uma certa forma, relegando os filhos, desqualificando a importância que estes representam. Não percebem que o parlatório se estende para além do aspecto sexual, é o momento em que o indivíduo encarcerado se sente inserido numa estrutura não marginal.

Por outro lado, há uma preocupação moral, dos guardas, em acabar com o homossexualismo no cárcere. Para eles, não importa que a família represente o afeto, o relevante é acabar com o homossexualismo.

Impossibilitados de aceitar a importância da afetividade oferecida pela família, submetem-na a um tratamento humilhante, a uma revista desumana (quando as famílias

entram no complexo penitenciário, são revistadas na porta - ria). O guarda utiliza-se do direito que lhe é dado pela instituição, de deixar a família vulnerável à sua ação.

Reconhecem a importância afetiva da família mas, por outro lado, em virtude da relação hostil guarda versus internos, contraditoriamente, em sua prática de trabalho, desqualificam esta importância.

> INTERNO 6: - As famílias são totalmente marginalizadas. Aqui dentro é um regime repressivo, arbitrário e a família não escapa disso. Fazem revistas, exames ginecológicos por pessoas que não são capacitadas. São exames de extrema violência.

> ESPOSA 2: - Toda a comida é revistada, nos examinam toda. Há guarda que faz questão de remexer a comida, de esfarelar tudo. O que querem é tirar nosso prazer de levar para dentro uma coisinha gostosa. Fazem pelo prazer de deixar a gente com raiva e nossos maridos também. Para eles (os guardas) nossos maridos não têm direito a ter família.

> ESPOSA 2: - Nós sofremos o pão que o diabo amassou. Tem guarda que não respeita a gente, mas faço tudo para estar com o meu marido.

Contudo existem guardas, apesar de um número reduzido, que identificam o papel da família no interior do cár

cere. Reconhecem sua importância e o que pode, em termos de futuro, significar o indivíduo encarcerado. Mas a maioria não reconhece que a família representa uma calma na instituição.

EFEITOS DA FAMÍLIA NO CÁRCERE NA VISÃO DOS FUNCIONÁRIOS

GUARDA 1 - Não muda nada. Demonstram aparência de calma que é irreal. Quando a família sai, volta tudo.

GUARDA 2 - Não muda nada, até morte tem

GUARDA 3 - Fica alterada, tem mais trabalho por causa da revista,

GUARDA 4 - É tudo mais fácil. O preso não fica ocioso, evita problema.

GUARDA 5 - Não muda, é quase a mesma

GUARDA 6 - Muito tranqüilo, diminui a violência. É uma calma.

GUARDA 7 - Tudo mais calmo

GUARDA 8 - Tranqüilidade

GUARDA 9 - Não muda nada. Só aumenta o trabalho

GUARDA 10 - Mais controle

O relato do guarda 1 é demonstrativo de que há uma diferença na estrutura carcerária com a presença da família. Mas ele não vincula essa modificação à família. Reconhece a calma, mas a caracteriza como falsa, irreal pois, após a saída dos familiares, "volta tudo". Há de fato uma calma real, apesar de efêmero.

A dificuldade de alguns guardas aceitarem que a família atenua a tensão vincula-se a uma lógica que perpassa a estrutura carcerária. Para eles os indivíduos, até confinados, não têm necessidade de afeto, apesar de num primeiro momento, reconhecerem a importância da família. Não reconhecer essa necessidade pode ser também uma forma de puní-los.

INTERNO 2: - Os guardas nos vêm como bichos e se somos bichos nossas famílias também são.

GUARDA 2: - Da família de preso não quero nem saber. São insensíveis que nem eles.

O guarda 2, reproduz a lei cruel que está presente na estrutura prisional.Que incide, não só sobre os internos, mas sobre suas famílias. O guarda, que necessita reafirmar que também a ele pertence o poder de atuar sobre a massa carcerária, utuliza-se da família para punir.

A família, como lugar do afeto, representa, para a instituição, um meio de obter seus objetivos no sentido da manutenção da ordem. Ela é um instrumento institucional de prê

mio e castigo. Prêmio, quando seu comportamento está bem adaptado à norma institucional, não representando uma ameaça. A família então, poderá estar junto ao preso. Castigo, porque as infrações cometidas podem ter como punição a perda do convívio familiar. Em decorrência disso, a família é também premiada ou castigada. Ela sabe que depende do comportamento de seu membro para estarem juntos. Sabem que precisam manter um bom relacionamento com os guardas, qualquer falha será considerada como indisciplina.

> GUARDA 2: - Quando me tratam de forma que não gosto tiro a carteira e não entra.

> GUARDA 6: - Há guarda que abusa do direito que lhe é dado.

Para a maioria dos guardas, o parlatório teria que ser vinculado à disciplina, de acordo com o regulamento que rege esse benefício.

Regulamento Penitenciário

> Art. 5 - O preso que tiver sido beneficiado com o favor de visita íntima e vier a cometer falta disciplinar, estará sujeito a processo e a sanções previstas no regulamento penitenciário.

Parágrafo 2 - O preso punido com a perda desse favor somente deverá renovar o pedido após 180 (cento e oitenta) dias a partir do término do cumprimento da sanção.

Existe o regulamento penitenciário, mas a administração da instituição, consciente dos efeitos da família sobre o cárcere, interpreta-o segundo seus próprios critérios.

INTERNO (*): - Eu não era casado, não tinha parlatório e nem direito. Tinha uma namoradinha (sem grande importância) e tinha a minha voz para gritar muito aqui dentro. Até que um dia me oferecerram parlatório. Eu rejeitei porque o que queriam era calar minha boca.

Regulamento Penitenciário

Art. 1: - A visita íntima poderá ser concedida, a critério da administração, ao preso recolhido ao estabelecimento prisional que atende aos seguintes requisitos:

I - Estar classificado em índice de aproveitamento igual ou superior a bom.

II - Ser o visitante cônjuge companheiro ou

(*) Não faz parte do grupo de trabalho,mas seu relato foi importante no sentido de ilustrar o mecanismo qeu move a concessão do parlatório.

Art. 2: - A comprovação da existência de vínculo matrimonial ou concubinato é feita pela existência de filhos reconhecidos, filhos nascituros também reconhecidos ou indicação da situação de companheiros junto aos órgãos da Previdência Social(anterior ao ingresso no sistema).

Não havendo prova de concubinato, conforme o inciso anterior, a habilitação dependerá da comporvação da continuidade e regularidade da visita pelo prazo mínimo de 4 meses. Competirá aos Serviço Social realizar o estudo do caso e emitir parecer.

Os internos e suas famílias são conscientes do jogo institucional. Mas nada podem fazer, só lhes resta aceitar e manter a convivência familiar.

CONCLUSÃO

> "O crime, além da vítima imediata, ataca o soberano, ataca-o pois a força da lei é a força do príncipe."
>
> (Foucault, 1975, p. 45)

O modo como a penitenciária se configura denota que a execução da pena não se esgota na perda da liberdade. Ela requer que uma série de atos incidam sobre o indivíduo, porque ele desafiou o rei, em vários níveis, e o poder real tem que ser reafirmado, ou seja, o poder da lei. O rei é a lei. A ordem da lei, quando transgredida impõe uma seqüência de atos repressivos e punitivos.

Assim, as prisões não estão afinadas com a defesa da integridade física e mental dos indivíduos que estão sob sua tutela. Não lhes favorece um mínimo de dignidade humana. O crime é um ato político e só resta ao transgressor ser punido e vigiado.

Por outro lado, a realidade carcerária nos mostra, hoje, o distanciamento de qualquer compromisso em favorecer uma vida fora do crime. A convivência carcerária gera, em seu interior, um aumento progressivo da criminalidade. As condições inadequadas das instalações penitenciárias, a ausência de uma estrutura de trabalho e educação, as precárias relações afetivas, a severidade, a crueldade de tratamento impostos, principalmente, pelos guardas e mais a penetração do crime

organizado no interior do cárcere, afundam, cada vez mais, o indivíduo no crime. As "vítimas estarão sob crescente ameaça se as prisões continuarem a ser um centro de retaliação da sociedade contra os condenados da justiça".

A violência da instituição carcerária é sustentada pela manutenção de um sistema de execução penal ultrapassado e desumano que, em última análise, visa apenas a segregação.

Apesar de todas as adversidades, tal contexto pode ser amenizado pelos contatos familiares. A situação em que vivem os indivíduos encarcerados é atenuada pela família que representa possibilidade de interações afetivas.

A família assume, nesse contexto, conotações de extrema importância, tanto para o interno como para a instituição. Para o interno significa a quebra da alienação a que são submetidos. O elo com o contexto social mais amplo, representa o afeto. Proporciona vida no interior da estrutura da morte.

A instituição, consciente da importância da família, utiliza-se dela como mais um instrumento amenizador de tensão carcerária. Seu alvo é manter a ordem e para isto a família é utilizada dentro de um contexto de disciplina.

Por outro lado, a família é vista como semelhante aos internos. São responsabilizadas pelas infrações de seu membro e por isso são passíveis de penalidade, incidindo sobre ele sistemáticas humilhações.

Os guardas, que são funcionários que lidam diretamente com a família, apesar de compreenderem sua importância usam-na como alvo de provocação ao interno, tendo como objetivo uma reação deste e, a partir daí sejam aplicados mecanismos punitivos e repressivos.

A família representa um elemento importante no controle disciplinar. Através do mecanismo prêmio-castigo,é gerado, no interno, o medo - de perder o convívio familiar. Esse mecanismo não é imposto apenas pela instituição, a própria família, em alguns casos estudados, se utiliza deste mecanismo para punir seu membro. A punição é expressia pela ameaça de corte na visita, o que é vivenciado, pelo interno, com a ameaça de abandono. (Quando ele faz alguma coisa que não gosto, eu logo fico sem vir aqui. Aí ele fica doidinho - Esposa 2).

As famílias, em questão, não escapam da função que lhes é dada socialmente. Elas punem, controlam e disciplinam.

Por outro lado, apesar do sofrimento causado pelo cárcere, apesar da dor da ausência, a prisão pode significar um instrumental de controle sobre seu membro preso. Controle sobre um homem que antes se mantinha distante, ausente da estrutura familiar. A prisão é a prisão do marido. Para algumas famílias foi através do cárcere, que se configuraram como tal.

O peso do cárcere é grande, tanto para os inter

nos como para as famílias. Mas a liberdade é, também um peso intenso. A liberdade tão desejada torna-se uma dor. O interno 7, após dezoito anos de prisão, obteve sua liberdade condicional. Faleceu vítima de enfarto, na véspera de receber seu alvará de soltura.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, J. A. G., "Instituição e Poder", Rio de Janeiro, Graal, 1980.

ARAGÃO, L. T., "Em nome da mãe", In Franchetto, Bruna, outros, "Perspectivas Antropológicas da mulher", 3 Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

ÁRIES, P., "A Família e a Cidade": In Família, "Psicologia e Sociologia", Coord. Sérvulo A. Figueira e Gilberto Velho.

ÁRIES, P. "História Social da Criança e da Família", Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

BLEGER, J. "Psicohigiene y Psicologia Institucional", Editorial Paidos, Buenos Aires, 1976.

BLEGER, J. "Temas de Psicologia - Entrevistas y Grupos", Ediciones Nueva Vision, Buenos Aires, 1976.

BOTT, E. "Família e Rede Social", Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1976.

COSTA, J. "Ordem Médica e Norma Familiar", Graal, Rio de Janeiro, 1979.

CARNEIRO, F. C. "Família: Diagnóstico e Terapia", Zahar, Rio de Janeiro, 1983.

DONZELOT, J. "A Polícia das Famílias", Graal, Rio de Janeiro, 1980.

ENGELS, F. "A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado", Civilização Brasileira, 1980.

ESCOBAR, C. A. "As Instituições e o Poder", Rev. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, out-dez, 1973.

FERNANDES, F. L. T., "Criminalidade e Loucura", Tese de Mestrado, Departamento de Psicologia da PUC/RJ, dez. 1982.

FOUCAULT, M. "Microfísica do Poder", Graal, Rio de Janeiro, 1979.

FOUCAULT, M. "Vigiar e Punir", Vozes, Petrópolis, 1972.

FREYRE G. "Casa Grande e Senzala", José Olympio, 23ª Edição, Rio de Janeiro, 1984.

GOFFMAN, E. "Manicômios, Prisões e Conventos", Editora Perspectivas, 1974.

LAPASSADE, G. et... "Analisis Institucional e Socioanális " Editorial Nueva Imagem, México, 1977.

LAPASSADE, G. et..., "El Analisis Institucional. (Por um Cambio de las Instituciones)", Campo Abierto, Madri, 1977.

LAPASSADE, G. "Grupos, Organizações e Instituições", Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1977.

LOURAU, R. "A Análise Institucional", Vozes, Petrópolis/RJ, - 1975.

MACHADO, R. "Ciência e Saber - A Trajetória de Foucault", Graal, Rio de Janeiro, 1982.

MARANHÃO, R. M. C. S. "Construção Social da Mulher: Papéis Divergentes e Conflitos", Tese de Mestrado, Departamento de Psicologia da PUC/RJ, nov. 1984.

MINUCHIN, S. "Família y Terapia Familiar", Ed. Granica, Barcelona, 1977.

PINHEIRO, S. P. e BRAUN E. Coord."Democracia e Violência"(Comissão Teotônio Vilela). Rio de Janeiro, Paz e Terra,1986.

PINHEIRO, S. P., "Escritos Indignados", Ed. Brasiliense,1984.

RAMALHO, J. R. "O Mundo do Crime - A Ordem pelo Avesso", - Graal, Rio de Janeiro, 1979.

ROSA, F. A. M., "Direito, Justiça e Ideologia", Editora Achiamé, Rio de Janeiro, 1980.

SALEM, T. "O Velho e o Novo. um Estudo de Papéis e Conflitos Familiares", Vozes, Petrópolis/RJ, 1980.

SALEM, T. "Mulheres Faveladas: com a Venda nos Olhos", in Franchetto, Bruna e outros, Perspectivas Antropológicas da Mulher - 1, Zahar, Rio de Janeiro, 1981.

SIMMEL, G., "Família, Indivíduo e Casamento", In Figueira S. A., "Contexto Social da Psicanálise", Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1981.

Documentos:

Regulamento do Sistema Penitenciário.

Regulamento do Regime do Parlatório.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Terezinha Féres Carneiro
Orientadora
PUC/RJ

Circe Navarro Vital Brazil
PUC/RJ

Esther Maria M. Arantes
PUC/RJ

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1988

Vera Maria Ferrão Candau
Coordenadora dos programas de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas